



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS

JEAN DIAS DOS SANTOS

**O PERCURSO DA ESTÉTICA SIMBOLISTA EM RELAÇÃO À CRÍTICA
LITERÁRIA NO BRASIL: DA MARGINALIZAÇÃO PARA O RESGATE E SUA
APRESENTAÇÃO NOS MATERIAIS DIDÁTICOS DE ENSINO**

RECIFE

2024

JEAN DIAS DOS SANTOS

**O PERCURSO DA ESTÉTICA SIMBOLISTA EM RELAÇÃO À CRÍTICA
LITERÁRIA NO BRASIL: DA MARGINALIZAÇÃO PARA O RESGATE E SUA
APRESENTAÇÃO NOS MATERIAIS DIDÁTICOS DE ENSINO**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de
Graduação em Letras (Português – Licenciatura)
como requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras/Português.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Cavalcante de Andrade

RECIFE

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Santos, Jean Dias dos.

O Percurso da Estética Simbolista em relação à Crítica Literária no Brasil: da marginalização para o resgate e sua apresentação nos materiais didáticos de ensino / Jean Dias dos Santos. - Recife, 2024.

47

Orientador(a): Fábio Cavalcante de Andrade

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras Português - Licenciatura, 2024.

Inclui referências.

1. Literatura Brasileira. 2. Crítica Literária. 3. Movimento Simbolista. 4. Livro Didático. I. Andrade, Fábio Cavalcante de. (Orientação). II. Título.

800 CDD (22.ed.)

JEAN DIAS DOS SANTOS

O PERCURSO DA ESTÉTICA SIMBOLISTA EM RELAÇÃO À CRÍTICA LITERÁRIA
NO BRASIL: DA MARGINALIZAÇÃO PARA O RESGATE E SUA APRESENTAÇÃO
NOS MATERIAIS DIDÁTICOS DE ENSINO

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras/Português.

Data: 04/03/2024

Orientador

Prof. Dr. Fábio Cavalcante de Andrade
Universidade Federal de Pernambuco

Examinador

Prof. Dr. Eduardo Melo França
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, Maria de Lourdes, a pessoa mais especial da minha vida e a que me deu o presente mais importante de todos: a existência. Sem ela, eu não seria a pessoa que sou hoje. Sem ela, eu não teria conseguido realizar os meus sonhos. Sem ela, eu não existiria. Foi ela, junto ao meu falecido avô, que fez todos os esforços para que eu tivesse acesso à educação. Primeiro em um colégio público de qualidade, depois com incentivo para que eu obtivesse êxito no Exame Nacional do Ensino Médio. Portanto, o apoio dela foi essencial para eu conseguir realizar o meu sonho de me formar na UFPE e hoje ser o profissional que sou.

Agradeço à minha família, em especial alguns parentes como minha prima Daniela e minha tia Ana Lúcia, que sempre estiveram comigo, nos momentos difíceis e alegres, que me viram crescer, que me ajudaram quando eu ainda era pequeno demais para ter consciência da vida. Agradeço por todo o apoio e amor que me deram.

Agradeço ao meu namorado, Mário Rogério, que participou de boa parte da minha jornada acadêmica, me apoiando em todas as minhas dificuldades e nos momentos de ansiedade. Por todo o cuidado e paciência.

Agradeço aos meus amigos e a todas as pessoas que contribuíram de forma significativa para o meu desenvolvimento pessoal e acadêmico, seja em estágios ou salas de aula. Por todo o apoio trocado nos momentos de dificuldade, e por toda a celebração nos momentos de alegria.

Por fim, agradeço ao meu orientador, prof. Fábio, por todas as importantes e críticas aulas de Literatura e Cultura Brasileira. Por ter me apresentado a obras literárias singulares e muito importantes da Literatura, essas que influenciaram minha escolha temática de pesquisa acadêmica. Além da paciência para me orientar nessa jornada, pois reconheço que não sou um dos alunos mais disciplinados. Toda minha gratidão.

“As palavras não representam realidades, mas devem constituir evocações de uma realidade que vai além dos sentidos.”

(Lauro Junkes, em “Simbolismo”.)

RESUMO

Considerando um contexto histórico onde a crítica brasileira era influenciada pelo determinismo biográfico de uma crítica francesa positivista, foi preciso reconhecer que o processo crítico do século XIX exerceu um papel excludente no que diz respeito a recepção da estética simbolista. Adiante, no século XX, o processo de revisão dessa crítica trouxe à luz uma poética que revelava um caráter experimental e moderno, o que antecede até mesmo os ideais do movimento modernista brasileiro, o que resultou, nos estudos literários, em um futuro processo de exploração do que foi produzido. Porém, pondo em estatística a parcela de autores revelada no *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*, de Andrade Muricy (1965), percebe-se uma lacuna imensa no que vem a fazer parte do atual cânone da Literatura Brasileira a respeito da estética simbolista. Isso posto, o presente trabalho tem por objetivo investigar esse processo da crítica que levou a estética simbolista para a periferia do cânone literário, utilizando conceitos de crítica formulados por Andrade (2020) e apoiado nos preceitos historiográficos de Cândido (2015) e Leminski (1983), bem como o reflexo disso no ensino de Literatura no ensino básico, pois, se existe uma curva exploratória dos estudos literários sobre o Simbolismo, mesmo que a longo prazo, os resultados deveriam ser vistos nos livros didáticos. Porém, estes ainda estão presos a um reducionismo que mostra apenas pouquíssimos autores, com uma redução maior ainda no que diz respeito a sua produção.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Crítica Literária; Movimento Simbolista; Livro Didático.

ABSTRACT

Considering a historical context in which Brazilian criticism was influenced by the biographical determinism of French positivist criticism, it was necessary to recognize that the critical process of the 19th century played an excluding role when it came to the reception of symbolist aesthetics. Later, in the 20th century, the process of revising this criticism brought to light a poetics that revealed an experimental and modern character, which predates even the ideals of the Brazilian modernist movement, which resulted, in literary studies, in a future process of exploring what was produced. However, if we consider the number of authors revealed in Andrade Muricy's *Panorama of the Brazilian Symbolist Movement* (1965), we can see that there is a huge gap in the current canon of Brazilian literature regarding the Symbolist aesthetic. With this in mind, the aim of this paper is to investigate the critical process that led Symbolist aesthetics to the periphery of the literary canon, using critical concepts formulated by Andrade (2020) and supported by the historiographical precepts of Cândido (2015) and Leminski (1983), as well as the reflection of this in the teaching of Literature in basic education, because, if there is an exploratory curve of literary studies on Symbolism, even if in the long term, the results should be seen in textbooks. However, they are still trapped in a reductionism that shows only a very few authors, with an even greater reduction in their production.

Keywords: Brazilian Literature; Literary criticism; Symbolist Movement; Textbook.

Sumário

Introdução	8
1. A crítica refratária de carácter impressionista	9
1.1. Entre Veríssimo e Romero: as palavras da crítica	12
1.2 A crítica brasileira no século XIX e o Simbolismo	14
1.3 Manutenção das estruturas de poder	16
2 A revisão da estética Simbolista no século XX	19
2.1 Entre Cruz e Sousa e os poetas do Simbolismo	22
2.2 O poeta como representante	26
2.3 A crítica de carácter revisionista e o Panorama da Poesia Simbolista	28
2.4 Difusão do movimento e a construção do cânone	30
3. O ensino de literatura	34
3.1 O currículo de ensino e a problemática do cânone	36
3.2 A presença do movimento simbolista dentro do livro didático	38
3.3 O livro como instrumento de apresentação da literatura	41
4 Considerações finais	44
Referências	46

Introdução

A escola contemporânea enfrenta desafios específicos no ensino, especialmente no âmbito da literatura. Com a ascensão da cultura digital, surge uma demanda por novas abordagens, interpretações e formatos de leitura de textos literários. Nesse contexto, é notável uma tendência ao ensino da literatura baseado em um modelo historicista, o que muitas vezes resulta no desinteresse por obras e autores que não fazem parte do cânone estabelecido.

O cânone literário, entendido como uma lista de obras consideradas valiosas e dignas de estudo, é influenciado pela interpretação e ressignificação das obras ao longo do tempo. Enric Sullà (1998, p. 11) simplifica o conceito ao definir o cânone como uma seleção de obras merecedoras de atenção crítica. No entanto, a exclusão de obras consideradas menos importantes ou desagradáveis por parte de uma massa crítica pode distorcer essa seleção.

Dentro desse contexto, esta monografia visa abordar de forma qualitativa como as questões relacionadas ao percurso da crítica literária brasileira do século XIX, elencando os apontamentos positivo-deterministas, contribuíram para a desaprovação e má recepção da estética simbolista no Brasil, além dos problemas relacionados à formação do cânone no que diz respeito aos autores dessa estética. Utilizando o pressuposto da divisão da crítica ao longo do século XX em três momentos, busca-se observar qual o espaço dado para o Simbolismo nas letras, e no ensino básico, visto que se pressupõe que haja uma maior aceitação da estética ao longo do século XX e XXI.

É fato que o movimento simbolista enfrenta dificuldades adicionais devido à sua natureza universalista, que contrasta com as correntes nacionalistas predominantes no final do século XIX. Além disso, a preferência pela poesia moderna de caráter nacionalista contribui para a marginalização do Simbolismo. A falta de reconhecimento do movimento e de seus membros é atribuída à predominância da poesia moderna e à descrença dos críticos oitocentistas no potencial simbolista.

Assim, a pesquisa propõe investigar as razões por trás do apagamento histórico do movimento simbolista na literatura brasileira, além de examinar as consequências e impactos desse fenômeno na atualidade, especialmente no que tange o ensino básico. Para observar e analisar a questão da presença, será proposta a análise de três livros didáticos de Língua Portuguesa, todos presentes no PNLD para o Ensino Médio aprovados no estado de Pernambuco, que contenham as diretrizes específicas para o ensino de literatura, todos utilizados nos ciclos vigentes respectivos aos anos da década passada, 2010. Isso com a orientação para a abordagem sobre a marginalização do Simbolismo no cânone literário, bem

como a escassez de representantes do movimento e as implicações desse apagamento no ensino de literatura.

A hipótese central é que existe um ocultamento crítico e histórico do movimento simbolista, o que se reflete na redução do espaço dedicado a ele no ensino. Para isso, a pesquisa adotará uma abordagem qualitativa, analisando materiais didáticos, como os do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), e documentos educacionais, como os currículos de literatura, para investigar a representação do movimento simbolista no ensino médio.

1. A crítica refratária de caráter impressionista

A crítica literária passou, como sabemos, por profundas mudanças ao longo dos últimos séculos da evolução da literatura. As perspectivas sócio-dialéticas de Cândido¹, por exemplo, são o resultado da consciência de que a literatura não existiria se não houvesse a realidade social, onde esta, por sua vez, tem seu reflexo dentro de cada leitor.

Esta realidade não é constituída por fenômenos independentemente dos discursos e das linguagens que as representam. As transformações no enfoque crítico se deram em função de vários aspectos, como o desenvolvimento da teoria literária que, ao arrolar novos conceitos e reformular sistemas teóricos, impulsionou a crítica a adotar também novas formas de abordar e analisar o objeto literário.

As posturas críticas que predominaram ao final do século XIX, assim como as transformações pelas quais passaram no decorrer do século XX, encontram seus ecos nos trabalhos produzidos por críticos como José Veríssimo, Araripe Júnior e Sílvio Romero. Expressões de diferentes maneiras de conceber e lidar com o objeto textual de modo impressionista e historicista, por vezes trazendo fortes influências da crítica francesa.

O leitor que tem contato com livros ou ensaios dos períodos entre os séculos XIX e XXI, percebe que novos aspectos de análise² passaram a ser valorizados nas discussões de textos contemporâneos, como a exploração da relação do autor com o texto e o meio pelo qual está inserido dentro de uma perspectiva subjetiva. Essa curva de valoração gerou preferências na escolha do que foi publicado e apreciado, o que acabou gerando um movimento **refratário** na crítica, especialmente dos três citados, sobre a estética simbolista. Esse estágio primário da

¹ Na percepção de Antônio Candido, o direito à literatura estaria ao lado de direitos da população, identificados como básicos, como alimentação, moradia, vestuário e saúde. E também os direitos mais amplos, como a liberdade individual, o amparo da justiça pública e a resistência à opressão garantidos por uma constituição.

² Métodos de crítica literária envolvem a análise de textos escolhidos devido ao seu caráter exemplar, que podem representar diferentes tipos de abordagem crítica (formalista, hermenêutica, estruturalista, psicanalítica, estilística, sociológica, genética, poética, filosófica), assim como explorar novos questionamentos sobre formas de crítica, a relação entre texto literário e história, autor e/ou texto literário, crítica e leitor.

recepção crítica do Simbolismo no Brasil foi nomeado de crítica refratária por Andrade (2020, p. 346)

O que une essa tríade é o fato de que, para eles, o nacionalismo é uma constante que se dilui dentro da formulação das perspectivas artístico-ficcionais, em que a influência da escola filosófica e universalista francesa vai ser extremamente dominante no que diz respeito à visão de crítica literária. E isso se reflete particularmente na recepção à estética simbolista e ao movimento dos poetas que, influenciados por Baudelaire e sua cúpula de poetas decadentes³, encabeçaram a difusão dessa estética no Brasil no final do século XIX e meados do XX, trazendo os primórdios de uma poética moderna, definitivamente à frente de seu tempo, e que vai influenciar propostas literárias futuras.

Sobre os críticos, Araripe Júnior, tendo influências de Comte, Spencer, Buckle e, principalmente, de Taine, é o que vai definir uma crítica em que o meio, o momento, a terra, o clima e a raça vão agir diretamente sobre a literatura produzida. O que não difere muito de Silvio Romero, que enxerga a raça e o negro como fatores determinantes nos aspectos pelos quais a literatura é entremeada.

Em análise de sua crítica, a raça, ou melhor, a presença do elemento africano⁴, é um fator primordial para o determinismo social no qual se encontram os reflexos da sociedade.

Os fatores de estudo deterministas se concentram nas distinções de ciências como biologia, psicologia, história e filosofia, como uma aglutinação de uma sociologia das ciências naturais e sociais, estas que vão refletir no momento sócio-histórico de cada autor.

Veríssimo por sua vez, este que foi crítico ferrenho de Romero, trata que a compreensão da crítica não deve ser sociológica, mas sim psicológica. Ou seja, a crítica vai ser um exercício independente onde criticar é compreender e o texto é o que provoca a emoção, mesmo que ele próprio tenha recusado a ser chamado de impressionista.

No estudo da crítica literária dessa fase da literatura, é importante fazer a distinção entre o impressionismo e o biografismo, pois muito embora ambas as correntes se orientem por princípios de análise distintos, é notável que ambas acabam se apropriando da imaginação sobre o autor como uma aliada para justificar uma impressão sobre a obra:

³ O decadentismo foi uma corrente artística, filosófica e, principalmente, literária que teve sua origem na França nas duas últimas décadas do século XIX e se desenvolveu por quase toda Europa e alguns países da América, onde aqui tratamos sobre o Brasil. Caracteriza-se por um evidente cansaço da civilização, pelo tédio, pela busca de novas sensações mais fortes, conseguidas na extravagância, na morbidez, nos requintes formais. Inclina-se mais para um trabalho da imaginação, um culto da forma barroca com a criação abusiva de neologismos extravagantes.

⁴ Importância do “preto” como fator de miscigenação. A raça branca superior é obrigada ao “cruzamento” como condição de civilização para a diluição das raças inferiores. O que estabelece o mulato como uma mestiçagem nova e instável.

Enquanto a crítica literária biográfica busca desvendar os enigmas da vida do autor para iluminar sua obra, a crítica literária impressionista do século XIX prefere mergulhar na atmosfera e na experiência sensorial da obra, deixando de lado considerações sobre a vida do autor. (ALTIERI, 1981: 282-298)

Aqui é desconsiderado qualquer fator de imparcialidade, visto que o próprio ato de criticar é parcial, como no caso da crítica impressionista, ou fazendo uma conexão de suposições entre os fatos que se acredita que o escritor tenha vivido ao longo de seu percurso social e os que registrou em sua ficção, que é o caso da crítica biográfica.

O uso dessas críticas resulta em uma não compreensão do projeto decadente, a posteriori simbolista, em que as tendências de uma modernidade são vistas como nocivas para a literatura.

Na *Crítica literária*, Carmelo Bonet cita um trecho de Anatole France em relação à tarefa de leitura de uma obra literária por parte de um leitor comum:

Tal como eu a entendo, e como haveis deixado fazer, a crítica é, como a Filosofia e a História, uma espécie de romance para uso de espíritos alertas e curiosos. E todo romance é, em última instância, autobiografia. O bom crítico é o que narra as aventuras de sua alma através das obras mestras. (FRANCE apud BONET, 1969, p.110)

Para críticos como Anatole France e seus subsequentes, não existe arte ou crítica objetiva da obra pela obra. Para os impressionistas não é possível deslocar-se de si mesmo e pensar além disso é se entregar ao devaneio da impossibilidade, pois a obra reflete majoritariamente o autor e o meio que o cerca. Assim, a crítica torna-se a “história intelectual de quem a exerce, a confissão pública de suas preferências” (BONET, 1969, p.111). A crítica e, conseqüentemente, a literatura, assumem um caráter documental de registro factual de um momento histórico, onde o estudo do sujeito “eu” é um molde de sua própria realidade social.

Toda essa contravenção impressionista difundiu a ideia de que cada indivíduo pode ler uma obra da maneira que julgar mais conveniente, e por assim analisá-la; assim cada obra abriria um leque de incontáveis leituras e impressões, interagindo com cada leitor a partir de suas experiências. A leitura de determinado texto pode diferir de outro por questões de gosto pessoal por um determinado assunto, autor, gênero e extensão. Tudo isso foi definido por Jules Lemaître como “impressionismo” na França, este que era amigo de France e um dos mais fervorosos defensores do movimento.

Para Lemaître e a massa dos críticos impressionistas, o cerne da leitura de uma obra era o prazer proporcionado pela leitura e os critérios pertinentes para se julgar a obra seriam o caráter estético e a emoção provocada, o que deixava completamente de lado qualquer sistema inovador. A crítica e a literatura viveriam, segundo os impressionistas, da fugacidade e do

sentimento individual. Ou seja, a crítica livre resulta da comunicação das subjetividades e das percepções individuais sensíveis de cada leitor.

1.1. Entre Veríssimo e Romero: as palavras da crítica

José Veríssimo e Sílvio Romero surgem como figuras proeminentes na crítica literária brasileira entre o final do século XIX e o início do século XX. Ambos dedicaram-se a construir narrativas sobre a história literária do Brasil, destacando-se pela abordagem sistemática de seus estudos. Veríssimo e Romero compartilham uma orientação intelectual inicial notavelmente similar, baseada em estudos específicos de antropologia e sociologia do século XIX, permeados por premissas positivistas e deterministas. Inicialmente, adentraram a crítica com o propósito de reformular os estudos culturais, especialmente no campo da literatura, utilizando critérios científicos contemporâneos para a época.

As divergências entre José Veríssimo e Sílvio Romero foram marcantes na história intelectual brasileira, pois ambos eram notáveis críticos literários e sociólogos que contribuíram significativamente para a reflexão sobre a cultura e a literatura da época. Entretanto, suas visões e abordagens divergiam em diversos aspectos, resultando em conflitos intelectuais e pessoais.

Uma das principais fontes de desentendimento entre Veríssimo e Romero estava relacionada às suas perspectivas sobre a literatura e a sociedade brasileira. Enquanto José Veríssimo tinha uma inclinação mais europeia em suas influências e abordava a literatura brasileira de maneira cosmopolita, com fortes influências francesas, Sílvio Romero era conhecido por sua postura mais nacionalista e regionalista. Romero enfatizava a importância de uma literatura que refletisse a realidade brasileira, incluindo elementos da cultura popular e regional.

Para Sílvio Romero, a mestiçagem⁵ era o fator determinante da índole do brasileiro é capaz de explicar o perfil da literatura em desenvolvimento, por isso sua crítica tinha como base a origem de quem escreve, como um fator que vai determinar o rumo de suas letras, além de seus temas. Com essa nova raça ainda em formação, pouco individualizada, a sociedade viveria segundo uma frágil tradição nacional, suscetível à imitação de costumes estrangeiros, principalmente o gosto e refinamento francês. Não à toa, a crítica à estética simbolista⁶ tinha

⁵ Mulato é uma expressão que refere-se a indivíduos que têm ascendência tanto de africanos negros quanto de europeus brancos. No início, essa terminologia também era utilizada para descrever pessoas mestiças. As características fenotípicas e culturais dos mulatos podem variar consideravelmente.

⁶ Enquanto o simbolismo recebeu elogios pela inovação estilística e pela busca de novas formas de expressão, não escapou de críticas relacionadas à sua complexidade, abstração excessiva e, em alguns casos, distanciamento das questões sociais e éticas contemporâneas.

como premissa os mesmos apontamentos que teve Baudelaire e seus seguidores: abstração e valorização do imaginário, além de uma obscuridade e hermetismo que tencionava a tradição literária vigente.

A imitação seria resultado da insegurança de caráter e da imprecisão do comportamento, levando a literatura brasileira a padecer de inconsistência no temperamento, "fonte de perturbações e desequilíbrios" (ROMERO, 1978, p. 62). Havia, assim, uma dicotomia entre uma sociedade de aparências e outra em processo de autonomia, visão compartilhada por Sílvio Romero no plano literário, onde alguns intelectuais reproduziam tendências europeias, enquanto outros ensaiavam uma forma literária própria condizente com o temperamento brasileiro.

Sílvio Romero não apenas analisava esse processo, mas também o vivia, justificando sua postura de polemista. Apesar de entender o processo de autonomia nacional como inevitável, ele via a construção dessa autonomia como resultado de luta, alinhado ao espírito evolucionista ao qual estava teoricamente ligado. Apesar do determinismo racial que defendia, Sílvio Romero concebia a literatura e a crítica como formas de atuação histórica, tornando complexo e aparentemente contraditório seu método naturalista de pesquisa. Ele acreditava no papel ativo do intelectual/artista, que, ao mesmo tempo em que era determinado por fatores como raça, meio e evolução histórica, também influenciava a sociedade.

Essa função transformadora do conhecimento é ilustrada pela ideia de "espírito representativo" (ROMERO, 1992, p. 70-80), inserida na dupla função do intelectual. O intelectual não se restringe à contemplação, mas tem como principal finalidade a ação, lutando por suas convicções por meio da escrita. Enquanto romancistas e poetas traduzem ideias esteticamente, o crítico serve como guia, revelando a diretriz na qual tais artistas devem se espelhar.

Além disso, as diferenças ideológicas e políticas também contribuíram para os conflitos. Sílvio Romero, mais conservador e associado ao positivismo em alguns momentos, contrastava com a postura liberal e moderna de José Veríssimo em suas análises.

A formação intelectual de José Veríssimo começou de maneira semelhante à de Sílvio Romero, defendendo a influência das inovações científicas na compreensão da literatura. Ele compartilhava critérios evolucionistas de crítica literária, ao mesmo tempo em que desejava mudanças significativas a sua geração. Seus primeiros escritos tinham uma abordagem

sociológica, buscando uma descrição mais fiel da realidade e fugindo do modelo crítico⁷ de seus predecessores.

O critério nacionalista também era importante para Veríssimo, alinhando-se à ideia de usar o conhecimento na busca pela autonomia nacional. Assim como Sílvio Romero, Veríssimo tinha muitas similaridades em seus trabalhos iniciais, mas, ao contrário de Romero, que intensificou seu discurso científico e postura de polemista na maturidade, Veríssimo modificou gradualmente sua postura intelectual, filiando-se a outras tendências teóricas e concentrando-se na atividade de crítica literária.

As divergências entre esses dois intelectuais se manifestavam em debates públicos, artigos e ensaios, contribuindo para a complexidade do cenário intelectual da época, marcado por diferentes correntes de pensamento e perspectivas sobre o papel da literatura na construção da identidade brasileira.

É crucial observar que, apesar das desavenças, tanto José Veríssimo quanto Sílvio Romero foram figuras influentes em seus campos, contribuindo de maneiras distintas para o desenvolvimento da crítica literária e sociológica no Brasil. Suas divergências enriqueceram o debate intelectual da época, deixando um legado significativo no panorama cultural brasileiro.

1.2 A crítica brasileira no século XIX e o Simbolismo

A própria palavra “crítica” implica a vontade de julgar uma determinada realidade proposta. O homem escolhe, compreende, examina e enuncia um juízo resultante no qual se afirma ou se nega algo sobre um objeto, que aqui tomamos como a obra literária.

O pensamento crítico é esse que, depois de indagar reflexão e metodismo sob as razões das próprias asserções, emite opiniões, adequando à índole peculiar da realidade analisada, pois, como enuncia Booth (1983), é o que capacita o crítico a transcender as aparências superficiais das obras para desvendar suas camadas mais profundas de significado e contexto. Com isso, todas as disciplinas correlacionadas pelos críticos do movimento positivista-determinista analisados, como biologia, filosofia, psicologia, sociologia e história, são apoios no sentido de que possibilitam examinar objetivamente uma obra literária, assim fazendo dela um reflexo da realidade de cada autor. O que se reserva como crítica literária é a compreensão sistemática de tudo que entra no processo de expressão da escrita.

As historiografias definidas por Veríssimo e Romero, além de toda a obra crítica de Araripe Júnior, demonstram que elementos como o nacionalismo, a literatura e a história se

⁷ A abordagem do texto literário que antecede a fundamentação positivista e determinista de Romero e Veríssimo, era de cunho subjetivista e romântico.

uniam para a elaboração da visão temporal de objeto crítico daquele momento. O desenvolvimento da literatura, como delineada pelos escritores, estabelece uma analogia com o curso histórico nacional, especialmente depois da influência dos ideais românticos.

Assim, subvertendo as disparidades sociais e os desafios de crescimento econômico enfrentados pela população, problema esse que foi fator decisivo na vida do maior expoente da estética simbolista no Brasil, Cruz e Sousa, e que foi o apontamento da crítica sofrida pelo mesmo.

Com isso, a historiografia literária do Brasil traçava uma trajetória linear que narrava a história do país desde os primórdios da colonização até seus reflexos em todas as camadas da população:

Sabe-se que, no Brasil, a constituição de um “pensamento crítico” sobre a literatura reveste de substancialidade histórica e de contributo constitutivo da nacionalidade, na medida em que se fazia necessário que a literatura aqui produzida deixasse de ser apenas objeto de olhares longínquos, curiosos de assinalar exotismos, diferenças e legitimações. (CAMPOS, 1998, p. 49-50)

No contexto de uma inclinação para as tendências românticas, associada às primeiras manifestações da crítica, eram prevalentes organizações e abordagens cronológicas, juntamente com investigações sobre a história crítica no processo de formação literária. No leito de um processo de colonização do território, o que era classificado como brasileiro passava a receber, como identidade, modos de legitimação externa, visto o processo de desenvolvimento. Eram também adotados moldes europeus para o pensamento crítico, e disso advinham as importações de correntes de pensamento positivistas e deterministas, que, aliados a um sistema de colonização escravista que, mesmo abolido, ainda era vigente na mentalidade social, limitava a compreensão da arte produzida.

De acordo com Cândido (2015) tratava-se, na verdade, de reformular um instinto brasileiro, o que se realizava em dois movimentos: o primeiro, traduzir para um discurso verdadeiramente nacional uma série de impressões críticas e historiográficas, especialmente aquelas construídas por franceses, sobre nossa realidade sociocultural; e, consecutivamente, conceber uma visão interna sobre a literatura que estava sendo produzida aqui. É daí que surge a distinção da poética com sangue brasileiro daquela formada aos moldes portugueses de uma colônia.

Ao concluir a História da Literatura Brasileira, José Veríssimo propõe uma caracterização sistemática dos períodos nos quais a crítica literária teria evoluído dentro do Brasil. Ele indica que a crítica teve sua origem nas academias literárias do século XVIII, manifestando-se através do ensaio como:

Pareceres ou juízos nela apresentados sob os trabalhos sujeitos à sua apreciação. Continuavam esses pareceres o costume português, também oriundo das academias, de que as nossas foram arremedo. Eram por via de regra inchados de pensamento e de expressão, grávidos de erudição literária contemporânea e, como estalão de estima, usavam rigorosamente a pauta da retórica clássica. (VERÍSSIMO, 1936, p. 270)

Já com o advento do Romantismo na década de 1830, a crítica passou a figurar:

Como um ramo independente da literatura, estudo das obras com um critério mais largo que as regras da retórica clássica, e já acompanhado de indagações psicológicas e referências mesológicas, históricas e outras, buscando compreender-lhes e explicar-lhes a formação e a essência. (VERÍSSIMO, 1936, p. 271)

Por isso, de acordo com Acízelo (2013, p. 13 - 14) é evidente que as diversas formas de considerações sobre a literatura anterior ao Romantismo, sempre regulamentadas pela retórica e poética clássicas, não se configuraram como uma "crítica" no sentido moderno do termo. Elas não envolviam a análise de obras desvinculadas a ideias preconcebidas, uma fórmula que resumiria a noção moderna de crítica. Portanto, “a crítica literária (...) resulta de um processo de desregulamentação” (ACÍZELO DE SOUZA, 2013, p. 14), marcado pelo abandono da perspectiva retórico-poética clássica como guia para julgar obras literárias. Esse elemento crucial definiu os rumos da crítica a partir do século XIX, o que vai ser atualizado no século XX e de novo no XXI.

1.3 Manutenção das estruturas de poder

Segundo Antonio Candido (2015), até meados do século XIX, a Literatura Brasileira não tinha uma identidade própria. Nossos autores calcavam sua escrita na tradicional escrita clássica europeia e seguíamos a mesma linha dessas “grandes obras”.

A identidade da Literatura Brasileira está ligada a uma tradição fragmentada, característica de tudo o que passou pelo processo de colonização.

Os primeiros autores que pensaram e escreveram sobre o Brasil possuíam formação europeia; e mesmo aqueles que se esforçaram por exprimir uma visão de mundo a partir de experiências locais tiveram de fazê-lo na língua herdada do colonizador. (PEREIRA, 2022, p. 1)

Os autores brasileiros desse período frequentemente buscavam seguir os padrões estilísticos e temáticos, adaptando-os às realidades locais. A literatura francesa, em particular, exercia uma grande fascinação sobre os escritores brasileiros, sendo considerada uma referência de sofisticação e refinamento.

Roberto Schwarz (1977) destaca que a literatura e a crítica literária brasileira do século XIX refletiam as estruturas coloniais dominantes, reproduzindo padrões estéticos e culturais

européus e marginalizando as vozes e experiências locais, mesmo o Brasil sendo uma nação multicultural, marcada pela presença de povos indígenas, africanos e europeus.

Ainda durante o século XIX, a parte da literatura e da crítica que ainda estavam enraizadas nas estruturas coloniais vigentes na época, acabavam por reproduzir os padrões estéticos e culturais europeus em detrimento das expressões locais. O Brasil ainda estava em um estágio inicial de desenvolvimento cultural e literário, e muitos críticos literários buscavam validar a produção nacional através de padrões estabelecidos pela tradição europeia. Isso resultava em uma tendência de marginalização das vozes e experiências locais, especialmente aquelas que não se alinhavam com os ideais europeus de literatura e cultura.

Muitos críticos literários, influenciados por preconceitos raciais arraigados na sociedade brasileira da época, desvalorizavam ou marginalizavam suas obras com base em critérios raciais em vez de mérito artístico:

Foi esse mesmo determinismo que levou Veríssimo a definir a poética de Cruz e Sousa como mero e inusitado eco do tambor africano, reduzindo sua original arquitetura sonora, de assonâncias e aliterações, a um resíduo racial. (ANDRADE, 2020, p. 347)

Essa marginalização racial na historiografia literária brasileira do século XIX, refletia não apenas o racismo e a discriminação presentes na sociedade da época, mas também as estruturas de poder e dominação que perpetuavam essas injustiças.

Essa marginalização das vozes locais e a reprodução dos padrões europeus na crítica refletiam não apenas uma dependência cultural do Brasil em relação à Europa, mas também as relações de poder e dominação que caracterizavam a época colonial. Essas estruturas coloniais influenciavam não apenas a produção literária em si, mas também a maneira como ela era avaliada e interpretada pela crítica.

Conforme Quijano (2005) expõe, essa colonialidade refere-se à instauração de um sistema global de poder moderno e colonial, que emergiu com a concepção da noção de raça, a qual foi concebida biologicamente para justificar a inferioridade dos colonizados em relação aos colonizadores. Na teoria da colonialidade, o racismo colonial na literatura do século XIX é visto como uma manifestação das relações de poder assimétricas entre colonizadores e colonizados, onde a produção literária branca era privilegiada e valorizada em detrimento das expressões culturais e literárias das comunidades colonizadas.

Essa afirmação ressalta a necessidade de identificar e analisar criticamente as influências coloniais na crítica literária brasileira do século XIX, bem como de dar voz e valorizar as expressões culturais e literárias locais que foram historicamente preteridas ou subjugadas em favor dos padrões europeus. Isso é fundamental para uma compreensão mais

completa e precisa da literatura brasileira e de sua relação com as dinâmicas coloniais que moldaram sua produção e recepção.

Além disso, a literatura brasileira do século XIX também foi marcada pela preocupação com questões sociais e políticas. A abolição da escravatura, a luta pela independência e a busca por uma república democrática foram temas frequentes na produção literária da época. Autores como José do Patrocínio, Joaquim Nabuco e Joaquim Manuel de Macedo abordaram essas questões em suas obras, contribuindo para o debate público e para a conscientização da sociedade sobre as injustiças e desigualdades do país.

A crítica literária tradicional, especialmente no contexto brasileiro do século XIX e início do século XX, tendia a negligenciar ou subestimar a contribuição de autores negros para a literatura nacional. Isso se refletia na recepção das obras de Cruz e Sousa, um dos principais representantes do Simbolismo brasileiro e um dos primeiros poetas negros a ganhar destaque na literatura do país.

Cruz e Sousa enfrentou uma série de desafios em sua carreira devido à sua ascendência afro-brasileira, enfrentando discriminação racial e obstáculos para o reconhecimento de seu talento literário, mesmo tendo o reconhecimento de sua genialidade poética por alguns de seus contemporâneos. E apesar de sua importância para a literatura brasileira, suas obras foram muitas vezes marginalizadas pela crítica literária de sua época, que tendia a privilegiar autores brancos e reproduzir preconceitos raciais.

Dentro disso, utilizando a perspectiva decolonial⁸ para analisar a intersecção do mesmo enquanto negro e autor, ela vai oferecer uma reavaliação crucial da obra de Cruz e Sousa e de outros autores da época. Ao analisar suas obras sob essa ótica, é possível reconhecer não apenas sua contribuição para a literatura brasileira, mas também sua resistência às estruturas de poder colonial e seu engajamento com questões de identidade, raça e marginalização.

Os estudos culturais enxergam a estética de Cruz e Sousa como uma forma de reivindicação de sua própria identidade e de afirmação da negritude em um contexto dominado por valores eurocêntricos e racistas. Suas obras muitas vezes exploram temas como

⁸ A perspectiva decolonial na literatura busca desafiar as estruturas de poder e dominação estabelecidas durante os períodos coloniais, promovendo a valorização das vozes e experiências marginalizadas e a desconstrução de estereótipos coloniais. Essa abordagem visa amplificar narrativas que resistem à colonização, oferecendo perspectivas alternativas sobre história e identidade, enquanto confronta as dinâmicas de poder que moldaram a produção literária. As obras que surgem dessa perspectiva frequentemente exploram temas como resistência, identidade cultural e luta por autonomia, contribuindo para uma conscientização mais profunda sobre as injustiças coloniais e suas repercussões duradouras.

a marginalização, a alienação, a busca por reconhecimento e a luta contra o preconceito racial, oferecendo uma visão única e profundamente pessoal da experiência afro-brasileira.

Indo além, a perspectiva decolonial destaca a importância de resgatar e valorizar as vozes e as experiências dos escritores negros que foram historicamente marginalizados e silenciados pela crítica literária dominante. Ao reconhecer o legado de Cruz e Sousa e de outros autores negros, a ótica da perspectiva decolonial contribuiu para uma compreensão mais ampla e inclusiva da literatura brasileira, destacando a diversidade e a riqueza das experiências culturais do país.

Esse discurso poético negro surge para romper um sistema literário que só reconhecia a voz branca como a única autorizada, como se essa fosse a voz autêntica da escrita e da arte. Até então, o negro só escrevia se não questionasse essa legitimidade e apagasse sua condição de negro. A exemplo,

[...] a voz negra não é uma voz isolada, individual, intimista, única e privilegiada como propõe a estética ocidental. O eu negro aparece profundamente vinculado à sua comunidade, a um nós. Não é a musa que fala através dele, nem o gênio da sua pessoa: é a voz da sua gente, do seu povo que o leva até a voz dos ancestrais, identificando-se assim com uma história específica e uma situação social de hostilidade e negação. (NASCIMENTO, 2018, p. 1)

Muitas vezes ausente, representando os personagens coadjuvantes ou em estereótipos, o povo negro vem ocupando lugar secundário na produção literária brasileira. Mesmo que alguns autores tenham começado a quebrar o sistema, ainda encontramos o negro muito mais como tema do que como voz autoral, porque todo o cânone da nossa literatura é composto por esse tipo de obra estigmatizante. A maioria das produções literárias brasileiras retrata as personagens negras a partir de pontos de vista que evidenciam estereótipos da estética branca dominante.

2 A revisão da estética Simbolista no século XX

Em *Cruz e Sousa: o negro e o branco*, Paulo Leminski, faz a seguinte colocação sobre o movimento simbolista no Brasil: “A principal característica do Simbolismo brasileiro é que ele não houve.” (LEMINSKI, 1983, p. 58). Tendo o movimento, de fato, não existindo no Brasil, mesmo existindo contraprovas, como o monumental *Panorama do Simbolismo Brasileiro*, de Andrade Muricy (1952), que captura em forma de antologia os poetas que seguiram as características da estética simbolista, mas que tiveram seus textos suprimidos em artigos ou revistas, conclui-se que há uma contravenção.

Adicionado a isso, ainda é pontuado que:

Simbolismo não foi, entre nós, senão um Parnasianismo musical, tanto mais que a sua sintaxe, na maioria dos casos, conservou-se tradicional e que o hermetismo seria, na poesia brasileira, a contribuição das gerações modernistas. (Artigo *O Simbolismo no Brasil*, 1961)

Para Leminski (1983, p. 58) o Simbolismo no Brasil não aconteceu sob a luz do prestígio: “Sua existência (de, mais ou menos, 1890 a 1920) foi underground”⁹.

Talvez esta seja a melhor palavra para retratar os percursos dos ocultos poetas simbolistas brasileiros. Eclipsados pelo *mainstream* parnasiano que dominava a corte carioca, era somente na subalternidade que o movimento poderia sobreviver, assim continuando até meados do século XX. E, talvez, movimento não seja mesmo a melhor palavra para designar a extensão da estética simbolista no Brasil, visto que essa era uma corrente poética que aconteceu fragmentada em vários estados do Brasil.

Como cita em sua antologia sobre o movimento, Péricles Eugênio Ramos (1973) sugere que:

o Simbolismo foi um movimento contínuo, que se processou validamente até surgir o Modernismo, em 1922, embora o “satanismo” decadente nele observável, de início, tenha evoluído para a mansidão das ideias ou a delinquência dos sentimentos. (SILVA RAMOS, 1973, p 21)

Sendo assim, o movimento simbolista se destaca por sua visão subjetiva, simbólica e espiritual do mundo, contrastando com as abordagens realistas e parnasianas, até mesmo naturalistas, que o precederam. No contexto histórico e social, o Simbolismo pode ser interpretado como uma manifestação da incerteza e desconfiança em relação ao suposto progresso social, técnico e econômico promovido pelas revoluções industriais, científicas e sociais que caracterizaram o século XIX europeu. Ao contrário da Europa, o contexto político-socioeconômico brasileiro do final do século foi definido pela Abolição da Escravatura (1888) e pela Proclamação da República (1889). No Brasil, a sociedade estava dividida entre os movimentos abolicionistas e o ressurgimento do racismo.

Nesse cenário, mesmo sendo contemporâneos, o Simbolismo brasileiro ocupará uma posição marginal em relação à historiografia da literatura, que vai ser dominada pelo Realismo, que adota o darwinismo social e o determinismo geográfico, e pelo parnasianismo, caracterizado pelo refinamento linguístico e pela adoração à forma clássica remetida a Grécia. Isso mesmo todas essas correntes compartilhando também ideais de visão sobre a realidade que as cercam, mesmo que em planos diferentes.

⁹ E continua: “Ocorrido nas províncias (Bahia, Paraná, Ceará, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais), periférico, marginal, o Simbolismo foi um fenômeno de resistência e reação das províncias à Corte: no Rio, próspero, imperava o Parnasianismo, com seus príncipes, senhores da Casa Grande das Letras (Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia). Simbolismo: destruir o sentido, tal como o Parnaso o encarnava.” (LEMINSKI, 1990, p. 53)

A posição periférica e *underground* do Simbolismo no Brasil permitiu ao movimento este múltiplo olhar que o enriqueceu. E esta é uma posição violenta simbolista. Foi no *underground* que se fixou e a atitude defensiva em relação à crítica era uma reação afirmativa das ideias e das inovações estéticas que propunha. Além do empurrão para escanteio que o *mainstream* deu nos simbolistas, houve uma posição crítica do movimento que deliberadamente se colocou à margem para atacar um atrasado sistema vigente nos jornais e folhetins.

Tomando esse contexto, Andrade Muricy reapresenta no *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*, de 1952, mais de 130 autores que dialogaram com a proposta poética do Simbolismo francês, reduzindo consideravelmente o distanciamento do movimento entre os novos leitores de cada geração que leu sua obra, geralmente reduzidos às realizações de Alphonsus de Guimaraens e Cruz e Sousa.

No decorrer do século XX, a poesia simbolista passou por um processo de redescoberta e reapreciação pela crítica literária. Inicialmente marginalizado em favor do Modernismo, o Simbolismo começou a receber mais atenção a partir da metade do século, à medida que os críticos começaram a reconhecer sua importância na evolução da literatura brasileira. Sobre esse movimento de retorno, a crítica assume um caráter **revisionista**:

tendo a função de lançar outro olhar sobre a “escola” divulgando textos fundamentais para a compreensão, repondo a circulação de outro de igual importância e mesmo publicando material inédito. (ANDRADE, 2020, p. 347)

A redescoberta da poesia simbolista foi impulsionada pelo interesse renovado na diversidade estilística e temática da literatura brasileira, bem como pela crescente valorização das raízes históricas e culturais do país. Críticos e estudiosos começaram a destacar a originalidade e a complexidade da linguagem simbolista, bem como sua influência duradoura em gerações posteriores de escritores.

Além disso, a crescente conscientização sobre questões sociais e raciais levou a uma reavaliação do papel dos poetas simbolistas, como Cruz e Sousa, na articulação de preocupações e experiências únicas dentro da sociedade brasileira. Ao longo do século XX, a crítica literária passou a reconhecer o Simbolismo como um movimento significativo na história da literatura brasileira, valorizando sua contribuição para a diversidade e a riqueza do cânone literário do país. Como resultado, os poetas simbolistas, antes relegados ao esquecimento, foram cada vez mais estudados, celebrados e incluídos nas antologias literárias, garantindo assim sua presença duradoura no panorama literário brasileiro, ou pelo menos era isso que se esperava.

2.1 Entre Cruz e Sousa e os poetas do Simbolismo

Resgatando as palavras de Andrade Muricy:

Os simbolistas - eu bem o sabia - eram numerosos, e muitas das contribuições até de simples epígonos dentre eles mostram particularidades definidoras necessárias. (...) Verifiquei a extensão do movimento, a sua difusão, como que secreta, mas enorme. Poderia abstrair desse fato e apenas selecionar as duas dúzias¹⁰ requeridas. Não me seria difícil fazê-lo, porém desde logo me pareceu grave prejuízo devolver tantas afirmações da sensibilidade e da imaginação de uma época ao olvido em que estavam, o que seria condená-las a pronta destruição. (MURICY, 1965, p. 14)

É importante tomarmos como base que o movimento simbolista de forma alguma se resumiu em poucos nomes significativos como o que está gravado no cânone. Os poetas foram uma parte importante do movimento que emergiu no final do século XIX, especialmente na Europa, mas também encontrou eco em outras partes do mundo, como América Latina e Rússia. Dentro do Brasil, mesmo que separados por grupos ou fases, existiu representação de norte a sul.

A dificuldade de acesso aos poetas simbolistas e sua exclusão pela crítica podem ser atribuídas a vários fatores. Primeiramente, o Simbolismo brasileiro foi um movimento literário que teve menos visibilidade e impacto do que o Modernismo, que o sucedeu. Isso levou a uma relativa falta de interesse e investimento na preservação e divulgação das obras simbolistas. Além disso, muitos dos poetas simbolistas não receberam o reconhecimento merecido durante sua época, o que resultou em uma escassez de crítica contemporânea e documentação sobre seus trabalhos. Isso contribuiu para a marginalização do movimento e a falta de acesso às suas obras.

A predominância do Modernismo como o movimento literário dominante no Brasil durante o século XX também teve um papel significativo na exclusão dos simbolistas. Os modernistas, em sua busca por ruptura com as tradições passadas, muitas vezes minimizaram ou ignoraram os escritores simbolistas, relegando-os a um segundo plano na história literária brasileira.

Esses fatores combinados dificultaram o acesso aos poetas simbolistas e contribuíram para sua exclusão pela crítica por um período significativo da história literária brasileira. Somente mais tarde, com um interesse renovado na preservação e revisão histórica, é que os poetas simbolistas começaram a receber a atenção e o reconhecimento que mereciam.

¹⁰ “Era-me imposto, porém, reunir num só tomo os “simbolistas” e os “pré-modernistas” ou poetas da transição para o modernismo. Os simbolistas significativos, afirmava-se, não seriam em número suficiente para formar um conjunto comparável, em qualidade e interesse representativo, ao dos autores já incluídos naquelas antologias citadas.” (MURICY, 1965, p. 13-14).

Os simbolistas buscavam transcender a realidade visível e acessar o mundo dos símbolos, dos sonhos e da espiritualidade, aí estando o primeiro estranhamento:

No movimento brasileiro, e pondo de parte o caráter geral de reação espiritualista, encontramos os mesmos expedientes do francês - imprecisão de contornos e de vocabulário, um conceito mais musical do que plástico da forma, os estados crepusculares, etc. - e levando ainda mais longe o gosto das expressões do ritual mortuário e litúrgico. (BANDEIRA, 2009, p. 125)

Apesar de Charles Baudelaire, Stéphane Mallarmé e Paul Verlaine serem frequentemente mencionados como figuras-chave do Simbolismo na França, há muitos outros poetas significativos cujas contribuições são igualmente importantes para o movimento, onde aqui o foco está no Brasil. Nejar (2007) faz até mesmo uma comparação desses poetas com os que encontramos nas letras brasileiras.

Cruz e Sousa foi nosso Rimbaud negro, Alphonsus de Guimaraens, o Baudelaire místico, Pedro Kilkerry, o baiano redescoberto, e o gaúcho Eduardo Guimarães, injustamente esquecido, (...) o Verlaine brasileiro. (NEJAR, 2007, p. 145)

Um dos aspectos notáveis das realizações dos poetas simbolistas é sua experimentação com a linguagem poética. Eles buscavam formas de expressão que transcendessem os limites da linguagem comum e dessem voz a estados emocionais profundos e complexos. Para isso, muitas vezes recorriam a uma linguagem mais sugestiva, cheia de metáforas, símbolos e imagens vívidas. Essa abordagem permite que explorem temas como o amor, a morte, o mistério e a espiritualidade de maneira mais profunda e evocativa, transcendendo a própria subjetividade. Sua rejeição do Naturalismo e do Realismo, que predominavam na literatura da época, permitiu aos simbolistas uma apreensão mais sutil da realidade, objetiva e interior. Eles acreditavam que a verdadeira essência das coisas não podia ser capturada pela observação objetiva, mas sim pela intuição e pela sugestão.

Com isso, os poetas simbolistas também se destacaram pela sua preocupação com a musicalidade e a sonoridade dos versos. Eles buscavam criar uma espécie de "música das palavras", onde o ritmo, a sonoridade e a cadência dos versos desempenhavam um papel crucial na experiência poética. Essa atenção meticulosa aos aspectos formais da poesia resultou em obras que não apenas transmitiam significados profundos, mas também proporcionavam prazer estético puro.

Além disso, muitos poetas simbolistas estavam envolvidos em movimentos artísticos mais amplos, como o decadentismo e o espiritualismo. Eles compartilhavam uma visão de mundo que valorizava o escapismo, a introspecção e a busca pela transcendência espiritual.

Suas obras frequentemente refletiam esse interesse por temas como o mistério, o ocultismo e o sobrenatural.

As realizações dos poetas simbolistas foram diversas e profundas. Eles não apenas contribuíram para a evolução da poesia moderna, mas também ofereceram novas maneiras de pensar sobre a linguagem, a arte e a experiência humana, o que já debatido, causou o estranhamento da crítica e uma má recepção nas letras.

Os poetas brasileiros contribuíram de maneira significativa para a estética, trazendo uma perspectiva única e enriquecedora à poesia mundial da época, mas que por vezes ficam restritos a antologias e compêndios. Sem mencionar, por hora Cruz e Sousa, o destaque fica para Alphonsus de Guimaraens e Pedro Kilkerry. Como abre em sua introdução ao Decadentismo e Simbolismo no Brasil, Cassiana Lacerda Carollo (2007) escreve que:

Medir o lugar ocupado pelo decadentismo e Simbolismo enquanto constelação de princípios teórico-críticos é tarefa que se faz anunciar pela dupla necessidade: a superação dos obstáculos de acesso às fontes bibliográficas e a definição de critérios que substituem uma hipótese de trabalho (...). (CAROLLO, 2007, p. 15)

Cruz e Sousa foi uma figura fundamental no movimento simbolista brasileiro, tanto por sua obra poética inovadora quanto por sua influência duradoura no cenário literário nacional. Sua representatividade como "o cabeça" do movimento se deve a uma série de fatores que transcendem sua habilidade poética.

Durante sua vida, Cruz e Sousa foi amplamente reconhecido como um dos principais poetas brasileiros de sua época. Sua obra poética, destacou-se por sua originalidade e profundidade. Ele explorou uma variedade de temas, desde a condição humana até as injustiças sociais, sempre com uma sensibilidade única e uma capacidade de expressão excepcional.

Além de sua contribuição poética, Cruz e Sousa também desempenhou um papel importante como líder intelectual do movimento simbolista brasileiro. Ele era uma figura central nos círculos literários da época¹¹, frequentemente promovendo debates e discussões sobre arte e literatura. Sua influência como mentor e guia para outros poetas simbolistas foi significativa, ajudando a moldar a direção do movimento e a estabelecer suas características distintas.

Após sua morte, em 1898, Cruz e Sousa continuou a exercer uma influência profunda sobre as gerações futuras de poetas brasileiros. Sua obra foi amplamente estudada e celebrada, sendo reconhecida como uma das mais importantes da literatura brasileira. Além disso, sua

¹¹ "O primeiro grupo decadente-simbolista do Brasil foi o que se formou em 1891 em torno da *Folha Popular*, como narra Araripe Júnior". (Silva Ramos, Péricles Eugênio, 1973, p. 20)

vida e sua trajetória pessoal, marcadas por lutas contra o preconceito racial e a marginalização social, tornaram-no um símbolo de resistência e superação para muitos.

Ao longo do século XX e até os dias atuais, a influência de Cruz e Sousa na literatura brasileira permanece viva. Sua obra continua a ser estudada e apreciada, e sua importância como figura histórica e cultural é amplamente reconhecida. Como "o cabeça" do movimento simbolista brasileiro, ele deixou um legado duradouro que continua a inspirar e influenciar poetas e leitores em todo o país.

Ao lado dele, Alphonsus de Guimaraens e Pedro Kilkerry representam duas figuras proeminentes do movimento simbolista brasileiro, cujas contribuições poéticas exerceram influência significativa no desenvolvimento da literatura nacional durante o final do século XIX e início do século XX. Guimaraens, reconhecido por sua poesia lírica profundamente espiritual, manifestou uma busca incessante pela transcendência em sua obra. Sua escrita, caracterizada por uma linguagem simbólica e uma introspecção intensa, refletiu uma sensibilidade mística, enfocando temas metafísicos e espirituais. Através de imagens evocativas e uma linguagem sugestiva, Guimaraens explorou questões existenciais, como vida, morte e redenção, conferindo à poesia simbolista brasileira uma dimensão espiritual única.

Por outro lado, Pedro Kilkerry, influenciado pelas correntes simbolistas europeias, incorporou elementos da tradição lírica à sua abordagem poética moderna. Sua obra, marcada por uma linguagem poética vibrante e uma imaginação prolífica, abordou uma diversidade de temas, desde a natureza e a espiritualidade até as questões sociais e urbanas. Kilkerry contribuiu para diversificar o panorama poético brasileiro, introduzindo novas ideias e formas de expressão na cena literária do país.

Outro nome importante é o de Augusto dos Anjos, que embora também tenha sido influenciado por correntes como o Parnasianismo, contribuiu significativamente para o Simbolismo brasileiro com sua obra marcada por uma visão sombria e pessimista da existência humana. Seus poemas abordam temas como a morte, o sofrimento e a decadência da sociedade, revelando uma profunda inquietação diante da condição humana.

Outro poeta que merece destaque é Vicente de Carvalho, cuja obra combina elementos do Simbolismo com influências do Romantismo. Seus poemas muitas vezes exploram a natureza, o amor e a melancolia, revelando uma sensibilidade aguçada para os detalhes do mundo natural e humano.

Ambos os poetas exerceram impacto significativo na literatura brasileira, enriquecendo-a com suas perspectivas únicas e inovadoras. Suas contribuições poéticas

continuam a inspirar gerações subsequentes de escritores, mantendo viva a tradição simbolista e seu legado na cultura literária do Brasil.

2.2 O poeta como representante

Cruz e Sousa é frequentemente considerado o maior representante do movimento simbolista no Brasil, isso devido a uma série de fatores representativos que destacam sua importância e influência no contexto literário brasileiro. Nascido em Desterro, atual Florianópolis, João da Cruz e Sousa (1861-98) é reconhecido como o pioneiro do Simbolismo no Brasil. Esse marco se deu com a publicação de duas obras: os poemas em prosa de *Missal*, lançados em fevereiro de 1893, e os poemas de *Broquéis*, publicados em agosto do mesmo ano. Segundo Bosi (1994), essas obras inaugurais representam exercícios literários da técnica simbolista, sendo *Broquéis* notável por sua renovação da expressão poética em língua portuguesa.

Como é típico na literatura, a vida e a obra se entrelaçam na história de um escritor. Cruz e Sousa foi alguém que viveu intensamente os desafios de sua existência - uma vida angustiante e obscura - e os refletiu em uma escrita que revelava os dramas sociais de sua época. Filho de escravos alforriados, experimentou as dificuldades e desventuras próprias de sua origem. Por um lado, desfrutou de uma criação privilegiada junto aos ex-senhores de sua família; por outro, sua vida adulta foi marcada pelo confronto com a sociedade ao seu redor. Por isso, podemos afirmar que Cruz e Sousa foi um poeta social.

Esse aspecto está profundamente enraizado em sua obra, e diversos estudos confirmam o compromisso do autor com a causa antiescravagista. Em sua obra, a exclusão do negro da trama social brasileira é retratada com um tom de pessimismo, desamparo e revolta diante do desprezo que enfrenta.

A jornada de Cruz e Sousa revela conflitos em relação aos seus próprios valores. Sua busca pela "arte perfeita" o levou a explorar os dilemas enfrentados pelos negros e seus conflitos internos, expressando o desejo de intervir na visão de mundo da própria arte para, assim, transformar a sociedade. A arte feita tinha o objetivo de ser espaço de crítica dessa mesma sociedade. Assim, enquanto o homem se via deslocado no mundo, o poeta encontrava sua essência na expressão sublime da arte, e essas duas identidades coexistiam sob os paradoxos, constituindo um dos elementos fundamentais da estética de sua linguagem.

Em seu poema em prosa *O Emparedado*, podemos encontrar evidências desses conflitos de identidade. A estética e a vida real o assombram, e ele reconhece que a dor é o caminho para alcançar a arte idealizada. Enquanto o contato social preenche seu cotidiano

com as agitações de um mundo doente, o isolamento é visto como uma bênção que permite ao poeta a contemplação plena e a descoberta da verdade. Segue trecho:

CRUZ E SOUSA, João da. *O Emparedado*.

Eu trazia, como cadáveres que me andassem funambulescamente amarrados às costas, num inquietante e interminável apodrecimento, todos os empirismos preconceituosos e não sei quanta camada morta, quanta raça d'África curiosa e desolada que a Fisiologia nulificara para sempre com o riso haeckeliano e papal! (...) Era mister respirar a grandes haustos na Natureza, desafogar o peito das opressões ambientes, agitar desassombadamente a cabeça diante da liberdade absoluta e profunda do Infinito. Era mister que me deixassem ao menos ser livre no Silêncio e na Solidão. Que não me negassem a necessidade fatal, imperiosa, ingênita de sacudir com liberdade e com volúpia os nervos e desprender com largueza e com audácia o meu verbo soluçante, na força impetuosa e indomável da Vontade. (...) O temperamento entortava muito para o lado da África: — era necessário fazê-lo endireitar inteiramente para o lado Regra, até que o temperamento regulasse certo como um termômetro! Ah! incomparável espírito das estreitezas humanas, como és secularmente divino! As civilizações, as raças, os povos degladiam-se e morrem minados pela fatal degenerescência do sangue, despedaçados, aniquilados no pavoroso túnel da Vida, sentindo o horror sufocante das supremas asfixias. Um veneno corrosivo atravessa, circula vertiginosamente os poros dessa deblaterante humanidade que se veste e triunfa com as púrpuras quentes e funestas das guerra! (CRUZ E SOUSA, 1995, p. 661-2).

Cruz e Sousa não apenas lutou para expressar as injustiças sociais de sua época, mas também para compreender a si mesmo como homem e artista. Sua escrita foi uma arma contra aqueles que o marginalizavam, ao mesmo tempo em que foi um instrumento sagrado para expressar seu desejo de ser reconhecido por sua força estética e plenitude humana.

No entanto, é importante notar que, apesar de sua importância como porta-voz das questões raciais, Cruz e Sousa não era exclusivamente um poeta "racial". Sua obra abrange uma ampla gama de temas e preocupações, e sua poesia simbolista frequentemente transcendia as fronteiras raciais, explorando questões universais da condição humana.

A crítica literária contemporânea muitas vezes reconhece a contribuição única de Cruz e Sousa para a literatura brasileira, tanto em termos de suas realizações poéticas quanto de seu papel como um dos primeiros intelectuais negros a desafiar abertamente as estruturas racistas da sociedade brasileira. No entanto, é importante notar que a recepção crítica de sua obra foi complexa e variada ao longo do tempo.

Durante sua vida, Cruz e Sousa enfrentou não apenas discriminação racial, mas também críticas literárias que, muitas vezes, o marginalizavam ou minimizavam sua importância devido à sua origem étnica. No entanto, ao longo do século XX e além, sua obra tem sido cada vez mais valorizada e estudada tanto por sua qualidade estética quanto por seu significado histórico e social, levando a uma reavaliação de seu lugar na literatura brasileira e na história intelectual do país.

2.3 A crítica de caráter revisionista e o Panorama da Poesia Simbolista

O movimento simbolista, e posteriormente estética, que emergiu na França durante o final do século XIX, foi inicialmente recebido com uma mistura de admiração e controvérsia. Embora tenha sido eclipsado pelo Naturalismo e Realismo dominantes na época, além do Parnasianismo, seu impacto na arte e na literatura, atualmente, se mostrou significativo e duradouro. No entanto, foi apenas no século XX que o Simbolismo começou a ser amplamente reapreciado pela crítica literária moderna.

Uma das razões para essa redescoberta foi o reconhecimento do Simbolismo como um movimento precursor de muitas tendências literárias posteriores, incluindo o Modernismo¹²:

O Simbolismo, projeção final do espírito romântico, constitui desenvolvimento mais original, limitando-se, porém, à obra de Cruz e Sousa (ainda próxima dos parnasianos a despeito de tudo), e à de Alphonsus de Guimaraens, pouco conhecida antes dos nossos dias. Como movimento estético e ideológico, o Simbolismo serviu de núcleo a manifestações espiritualistas, contrapostas ao Naturalismo plástico dos parnasianos. (CÂNDIDO, 2000, p. 122)

Com isso, os críticos começaram a examinar mais de perto como os simbolistas desafiaram as convenções literárias tradicionais, buscando expressar ideias e emoções de maneiras não lineares e evocativas. A ênfase na sugestão, na atmosfera e na experiência sensorial¹³ sobre a narrativa direta tornou-se cada vez mais relevante para os críticos contemporâneos, especialmente à luz das mudanças nas percepções sobre a natureza da linguagem e da comunicação¹⁴.

Além disso, a influência do Simbolismo na arte visual também foi um ponto de interesse para os críticos modernos. Os paralelos entre a poesia simbolista e o movimento impressionista na pintura, por exemplo, levaram à análise de como ambos os movimentos buscavam capturar a essência fugaz da experiência humana através de imagens evocativas e simbólicas.

Outro aspecto que atraiu a atenção da crítica literária moderna foi a natureza interdisciplinar do Simbolismo. Os simbolistas frequentemente se envolviam em colaborações

¹² O Simbolismo nunca gozou de um estatuto privilegiado na historiografia literária, tendo sido muitas vezes considerado um movimento de transição ou mesmo um parente pobre do Modernismo. No entanto, nas últimas décadas, houve um interesse crescente na estética simbolista e sua contribuição para a evolução da literatura brasileira. Os críticos contemporâneos têm destacado a riqueza poética e a complexidade simbólica dos escritores simbolistas, reconhecendo sua influência duradoura na produção literária do país.

¹³ O Simbolismo valoriza a experiência sensorial, explorando cores, sons e imagens para transmitir emoções e conceitos abstratos. Através de metáforas e símbolos, os poetas simbolistas buscam evocar sensações vívidas e despertar uma resposta emocional profunda no leitor.

¹⁴ Nos últimos anos, houve um interesse renovado na estética simbolista, com críticos literários destacando sua relevância para a compreensão da poesia brasileira. A complexidade das imagens simbólicas, a musicalidade da linguagem e a profundidade dos temas explorados pelos poetas simbolistas têm sido objeto de estudo e apreciação. Essa redescoberta do Simbolismo tem enriquecido o panorama literário brasileiro, ampliando a compreensão da diversidade estilística e temática presente em nossa tradição poética.

com artistas, músicos e filósofos, buscando transcender as fronteiras entre as diferentes formas de expressão artística. Essa abordagem holística para a criação artística ressoou com os críticos contemporâneos, que estavam cada vez mais interessados na interseção entre diferentes formas de arte e no diálogo criativo que poderia resultar.

A redescoberta do Simbolismo também foi impulsionada pela crescente valorização da subjetividade na crítica literária moderna. Os simbolistas, com sua ênfase na imaginação individual e na experiência interior, ofereciam uma alternativa poderosa à abordagem mais objetiva e empiricamente orientada do Realismo. À medida que os críticos começaram a explorar questões de identidade, alienação e espiritualidade na literatura, o Simbolismo emergiu como um terreno fértil para investigações mais profundas sobre a natureza da experiência humana.

Assim, a reapreciação do movimento pela crítica literária moderna foi impulsionada por uma série de fatores, incluindo o reconhecimento de sua influência nas tendências literárias posteriores, sua interseção com outras formas de arte, sua abordagem holística para a criação artística e sua valorização da subjetividade e da experiência interior. Essa reapreciação permitiu uma compreensão mais rica e contextualizada do papel do Simbolismo na evolução da literatura e da cultura moderna.

Uma das facetas mais interessantes desse fenômeno é a maneira como os críticos modernos estão reinterpretando o Simbolismo à luz das questões contemporâneas. Ao examinar as obras dos simbolistas, eles não apenas destacam as características estilísticas e temáticas do movimento, mas também buscam identificar conexões entre as preocupações dos simbolistas e os debates culturais e filosóficos atuais. Isso significa que a redescoberta do Simbolismo não é um exercício de nostalgia, mas sim uma busca por *insights* e inspirações que ainda ressoam em nossa época, o que corrobora com o que diz Bosi (1994), na sua historiografia da literatura:

Na atualidade, observa-se uma redescoberta e valorização da estética simbolista, antes eclipsada pelo Modernismo. Críticos literários têm revisitado as obras dos poetas simbolistas, destacando sua originalidade estilística e sua capacidade de explorar temas universais por meio de imagens simbólicas. Essa reapreciação tem contribuído para uma compreensão mais profunda da diversidade e da riqueza da literatura brasileira, resgatando o Simbolismo como um movimento de importância significativa em sua própria trajetória histórica. (BOSI, 1994, p. 295)

Com isso, percebe-se que a revalorização do Simbolismo está alterando a compreensão da história literária. Os críticos estão explorando como o movimento simbolista influenciou não apenas o desenvolvimento subsequente da literatura, mas também outras formas de arte. Ao reconhecer a natureza interdisciplinar do Simbolismo, os estudiosos estão

ampliando nossas percepções sobre a complexidade e a riqueza das interações culturais no final do século XIX e início do século XX.

A redescoberta do Simbolismo está contribuindo para uma reavaliação mais ampla das fronteiras entre os gêneros literários e das hierarquias estabelecidas na história da literatura. Ao destacar a riqueza e a variedade das formas de expressão simbolista, os críticos estão desafiando noções tradicionais de valor estético e canonicidade, abrindo espaço para uma maior diversidade de vozes e perspectivas na análise literária.

A redescoberta e a reapreciação do movimento simbolista pela crítica literária moderna são reflexos da vitalidade e da relevância contínua do movimento para o estudo da literatura e da cultura contemporânea. Esse processo não apenas lança luz sobre o passado, mas também nos desafia a reconsiderar nossas suposições sobre a arte, a linguagem e a experiência humana de maneiras profundamente significativas.

2.4 Difusão do movimento e a construção do cânone

O movimento simbolista na literatura teve uma difusão significativa principalmente na Europa, especialmente na França, onde teve suas raízes fincadas em uma convergência de influências culturais, intelectuais e sociais do final do século XIX. Essas influências incluíam o Romantismo, que enfatizava a expressão emocional e individual, e o Parnasianismo, que valorizava a precisão formal e a objetividade na arte.

O interesse pelo ocultismo e pelas tradições esotéricas, a filosofia de pensadores como Nietzsche, Schopenhauer e Bergson, e a teologia mística contribuíram para moldar a abordagem simbolista à linguagem e ao significado. Para isso, a função do poeta consistiria em buscar alcançar a essência enigmática das coisas, porque de acordo com Vanor:

A obra do poeta simbolista seria pois descobrir a ideia através de sua representação figurada; descobrir as relações das coisas visíveis, sensíveis e tangíveis do mundo com a essência inteligível de qual elas participam voltar dos efeitos às causas, das imagens aos protótipos, dos fenômenos e das aparências ao sentido misterioso; e reciprocamente, apresentar uma coisa por suas qualidades exteriores, revestir a ideia de uma significação figurativa e exprimir verdades por imagens e por analogias. (apud MICHAUD, 1969, p. 744)

A influência da arte visual, especialmente do movimento pré-rafaelita na Inglaterra e dos impressionistas na França, também foi significativa, inspirando os simbolistas a explorar imagens evocativas e cores simbólicas em suas obras. Em um contexto histórico marcado pela crise de significado¹⁵, com o avanço da ciência e a perda de certezas metafísicas, os

¹⁵ A reflexão sobre as representações emerge como uma abordagem transdisciplinar em ascensão, especialmente após os movimentos culturais e linguísticos de virada. Ela se fundamenta nas correntes teóricas que surgiram com o pós-estruturalismo e o pensamento pós-moderno.

simbolistas buscavam formas de expressão que capturassem a complexidade e a ambiguidade da experiência humana. Assim, o movimento simbolista surgiu como uma reação à racionalidade do século XIX, procurando uma linguagem mais intuitiva, misteriosa e rica em significados ocultos, pois, como diz Machado (2012), “na estética simbolista, a linguagem desempenha um papel fundamental na expressão dos estados interiores da alma humana e na evocação de realidades invisíveis”.

Para isso, as revistas e os salões literários desempenharam um papel fundamental na promoção e na consolidação do Simbolismo como um movimento artístico distintivo no final do século. Ao fornecer um espaço para intercâmbio de ideias e colaboração criativa, essas instituições reuniram escritores e artistas em torno de valores estéticos comuns, contribuindo para a identidade do Simbolismo. A disseminação do movimento para países como Bélgica, Rússia, Portugal e Brasil foi facilitada pela publicação de obras influentes e pela tradução de escritores simbolistas para outros idiomas.

Essas traduções, além de aumentar a visibilidade, promoveram um diálogo criativo entre diferentes tradições literárias e culturais. Os intercâmbios culturais também permitiram que escritores e artistas simbolistas se conectassem com seus pares em outros países, enriquecendo o movimento com uma diversidade de influências e perspectivas. Além disso, o Simbolismo foi influenciado por correntes culturais estrangeiras, como o Romantismo alemão e o misticismo oriental, ampliando sua paleta estética e temática.

Assim, o cânone do movimento simbolista foi construído através da seleção e promoção de obras e autores que encapsulam os princípios e temas centrais do Simbolismo. A seleção de obras representativas desempenhou um papel fundamental na formação do cânone simbolista, pois ajudou a estabelecer quais textos seriam considerados como exemplos mais significativos e emblemáticos do movimento. Essa seleção foi realizada por uma variedade de agentes culturais, incluindo críticos literários, editores, e até mesmo outros escritores simbolistas.

Primeiramente, a seleção de obras representativas ajudou a definir a identidade do movimento simbolista. Ao escolher quais obras seriam incluídas no cânone, os críticos e editores estavam, de certa forma, delineando os traços distintivos do Simbolismo. Eles buscavam obras que encapsulassem as características estilísticas, temáticas e filosóficas centrais do movimento, como o uso de símbolos, a ênfase na subjetividade e na interioridade, e a preocupação com a sugestão e a ambiguidade.

Além disso, a escolha dessas obras ajudou a promover uma visão coerente e unificada da estética. Ao reunir uma coleção de textos considerados exemplares, os críticos e editores

estavam moldando uma narrativa sobre o que o Simbolismo era e quais eram suas contribuições para a literatura e a cultura. Isso foi crucial para estabelecer a credibilidade e a legitimidade do movimento, tanto dentro quanto fora dos círculos literários¹⁶.

Na história da literatura, a crítica e a teoria literária exercem uma função crucial ao definir os parâmetros para a constituição do cânone, que representa o conjunto de autores e obras consagradas pela academia (BONNICI, 2003). Contudo, surge uma problemática relacionada à limitação desse cânone a um número reduzido de nomes¹⁷, fato esse que os críticos vão atrelar às realizações literárias, o que contrasta com o adentramento no século XXI em uma terceira fase da crítica ao movimento, caracterizada como **exploratória** por Andrade (2020, p. 348).

A seleção de obras representativas também desempenhou um papel na formação da recepção crítica do Simbolismo, bem como ajudaram a compor os currículos de ensino de literatura. As obras incluídas no cânone serviram como referências para críticos literários e estudiosos, que as analisavam e interpretavam, ajudando assim a moldar a compreensão pública do movimento. Além disso, ao destacar certas obras como exemplos paradigmáticos, os críticos e editores influenciavam a maneira como o Simbolismo era percebido e avaliado pela posteridade, o que debateremos no capítulo seguinte.

A seleção de obras representativas é importante para preservar e promover o legado do movimento simbolista ao longo do tempo, o problema é quando essa preservação se resume a compêndios e biografias, se não qual sentido teria até mesmo o *Panorama* de Andrade Muricy? Ao reunir uma coleção de textos considerados dignos de reconhecimento, os críticos e editores garantem que essas obras sejam preservadas e difundidas para as gerações futuras. Isso deveria ajudar a garantir que o Simbolismo continuasse a ser estudado e apreciado como um dos movimentos literários mais importantes da história.

Em suma, a seleção de obras representativas foi crucial para a formação do cânone simbolista, pois ajudou a definir a identidade do movimento, promover uma visão unificada, influenciar a recepção crítica e preservar seu legado ao longo do tempo. Ao escolher quais obras seriam incluídas no cânone, os críticos e editores desempenharam um papel significativo na moldagem da compreensão e apreciação do Simbolismo como um movimento literário e cultural, e nisso reside o problema do cânone:

¹⁶ O processo de canonização, pelo menos no Brasil, começou com a crítica revisionista da qual é destaque o *panorama* de Andrade Muricy.

¹⁷ Reduccionismo a Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens dentro do cânone brasileiro.

O problema da formação do cânone literário é complexo e multifacetado, refletindo as dinâmicas de poder, hegemonia cultural e exclusão que permeiam a história da literatura. A seleção de determinadas obras para compor o cânone muitas vezes reflete não apenas critérios estéticos, mas também ideológicos e políticos, perpetuando hierarquias de valor que podem marginalizar vozes e perspectivas alternativas. (EAGLETON, 2008)

Críticos como Jules Huret¹⁸, Félix Fénéon¹⁹ e Édouard Dujardin²⁰ contribuíram para a consolidação da identidade simbolista, identificando as características distintivas do movimento, como a ênfase na sugestão e na ambiguidade, a utilização de símbolos e a preocupação com a interioridade e a subjetividade. Essa curva na segunda metade do século XX revela um movimento de retomada através da crítica de quem fazia parte ou tinha apreço pelo movimento, algo como o que fez Nestor Victor no Brasil.

Os críticos literários desempenharam um papel decisivo na promoção das obras simbolistas, ampliando sua visibilidade ao destacar sua originalidade e importância artística em análises frequentemente publicadas em revistas literárias e jornais. Paralelamente, os editores desempenharam um papel determinante na consolidação do cânone simbolista, ao publicarem obras de escritores do movimento em diversas plataformas, como revistas, antologias e volumes individuais.

Além disso, os editores facilitaram a criação de redes de apoio e colaboração entre os escritores simbolistas, conectando-os com outros artistas e intelectuais afins, o que frequentemente resultava na formação de grupos literários e na realização de eventos culturais. Em conjunto, críticos literários e editores desempenharam papéis essenciais na formação e consolidação do cânone simbolista, contribuindo para sua recepção crítica, promoção e reconhecimento no mundo literário, sendo fundamentais para estabelecer o

¹⁸ Crítico e jornalista francês cuja obra "Enquête sur l'évolution littéraire" (1891) teve grande importância para o reconhecimento do Simbolismo. Em sua pesquisa, Huret entrevistou diversos escritores, incluindo os simbolistas, e documentou suas opiniões sobre literatura e arte. Essas entrevistas proporcionaram uma visibilidade significativa para os escritores simbolistas, ajudando a estabelecer o movimento como uma força literária importante na França e além.

¹⁹ O crítico de arte e editor francês foi um dos primeiros a reconhecer o valor estético e inovador dos poetas simbolistas, promovendo suas obras em suas atividades como editor e crítico. Fénéon foi fundamental na publicação de várias obras simbolistas importantes, como as antologias "Le Parnasse contemporain" e "La Vogue", e em seu trabalho crítico, ele destacou a originalidade e a profundidade do Simbolismo, contribuindo assim para sua consolidação como um movimento literário significativo na França e no exterior.

²⁰ Especialmente conhecido por seu romance "Les Lauriers sont coupés" (1887), que é considerado um dos primeiros exemplos do uso do monólogo interior na literatura. Este romance influenciou fortemente os simbolistas, incluindo Stéphane Mallarmé, e foi fundamental na promoção de uma estética que valorizava a subjetividade e a introspecção. Dujardin também foi um defensor do Simbolismo em sua atividade crítica, contribuindo para a difusão das ideias e obras dos escritores simbolistas na França e no exterior.

Simbolismo como um dos movimentos mais relevantes do final do século XIX na visão da contemporaneidade, e garantindo seu lugar na história da literatura.

Alguns dos principais escritores simbolistas que contribuíram para a formação do cânone incluem Charles Baudelaire, Stéphane Mallarmé, Paul Verlaine, Arthur Rimbaud na França, além de Eugênio de Castro e Antônio Nobre em Portugal e Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens no Brasil.

Esses autores e suas obras foram considerados representativos do Simbolismo devido ao uso de linguagem simbólica, imagens evocativas, temas místicos e uma preocupação com o subjetivo e o espiritual, como já bem falado e repetido. Suas contribuições foram fundamentais para estabelecer o cânone do movimento simbolista e influenciar gerações posteriores de escritores e artistas.

O cânone do Simbolismo foi moldado pela percepção de sua importância histórica e pelo impacto duradouro que teve na literatura e na arte. As obras e autores considerados fundamentais para o movimento foram preservados e estudados ao longo do tempo, garantindo sua relevância contínua para as gerações futuras.

3. O ensino de literatura

Entender o ensino de literatura é mergulhar em um universo vasto e complexo, permeado por camadas que vão desde a essência da própria arte literária até as dinâmicas sociais e educacionais que moldam sua abordagem em sala de aula. O ensino de literatura busca não apenas transmitir conhecimento sobre obras literárias, mas também promover uma compreensão mais profunda da arte literária e de seus contextos.

Espera-se que os alunos aprendam não apenas sobre os autores em si, mas também sobre os períodos históricos, movimentos literários e influências culturais que moldaram suas obras. Com isso, objetiva-se que os alunos desenvolvam habilidades críticas de análise e interpretação, explorando temas, símbolos e técnicas literárias presentes nas obras dos autores estudados. O foco é capacitar os alunos a apreciar a diversidade da produção literária e a compreender seu impacto no mundo ao seu redor. A literatura, como manifestação artística, transcende as fronteiras do tempo e espaço, refletindo a condição humana em toda a sua diversidade e complexidade, capturando experiências, emoções e ideias de maneira única e profunda.

No contexto educacional, o ensino de literatura enfrenta desafios significativos que exigem um equilíbrio delicado entre a promoção da apreciação estética e a análise crítica das obras literárias. Os educadores desempenham um papel crucial ao orientar os alunos na

interpretação sensível e contextualizada dos textos, ao mesmo tempo em que estimulam a reflexão sobre os temas sociais, históricos e políticos subjacentes às obras.

A diversidade de vozes na literatura é uma consideração fundamental, demandando que os currículos²¹ sejam inclusivos e representativos, abrangendo uma ampla gama de autores e gêneros que reflitam a variedade de perspectivas étnicas, culturais, de gênero e socioeconômicas. Isso não apenas enriquece a experiência educacional, mas também proporciona aos alunos uma compreensão mais ampla e inclusiva do mundo ao seu redor e de suas próprias identidades.

Ademais, os desafios contemporâneos, como os avanços tecnológicos e as mudanças nas formas de comunicação e entretenimento, exigem que os educadores adotem estratégias pedagógicas inovadoras para manter o engajamento dos alunos. A integração de tecnologia digital e abordagens interativas pode ser uma maneira eficaz de tornar o ensino de literatura mais relevante e envolvente.

Nesse contexto dinâmico, o papel do professor é essencial. Eles devem não apenas dominar o conteúdo literário, mas também atuar como facilitadores do pensamento crítico e criativo dos alunos, incentivando a participação ativa, o diálogo e a expressão pessoal. É imperativo que os professores que ministram aulas de literatura possuam um conhecimento sólido e contínuo sobre o assunto. A vasta e complexa natureza da literatura requer uma compreensão profunda dos diferentes gêneros, períodos históricos, estilos e contextos culturais. Somente assim os educadores poderão guiar os alunos em uma exploração significativa e contextualizada das obras literárias:

Para muitos professores e estudiosos da área de Letras, a literatura só se mantém na escola por força da tradição e da inércia curricular, uma vez que a educação literária é um produto do século XIX que já não tem razão de ser no século XXI. (COSSON, 2006, p. 20)

Além disso, o estudo da literatura vai além da mera compreensão superficial dos textos, exigindo uma análise crítica e contextualizada que só pode ser alcançada com uma base sólida de conhecimento e experiência por parte dos professores. A literatura, como ferramenta educacional, oferece uma oportunidade única para estimular discussões significativas sobre questões sociais, éticas e políticas, contribuindo para o desenvolvimento integral dos alunos.

²¹ Nos documentos curriculares, é destacada a formação de um leitor crítico, habilidoso e competente, capaz não apenas de compreender o que foi lido, mas também de posicionar-se de forma fundamentada a partir dessa compreensão.

Em contrapartida, a falta de preparo adequado por parte dos professores pode resultar em uma experiência de aprendizado superficial e desinteressante para os alunos, comprometendo seu desenvolvimento acadêmico e pessoal. Portanto, a importância de os professores estudarem literatura para ministrar aulas reside na necessidade de proporcionar uma educação de qualidade, promover o desenvolvimento integral dos alunos e cultivar uma apreciação profunda e significativa da arte literária. Um professor bem preparado nessa área tem o poder de inspirar os alunos a se tornarem leitores ávidos e pensadores críticos.

3.1 O currículo de ensino e a problemática do cânone

Para se fazer notar, dentro do pouco espaço que a literatura ocupa dentro dos documentos norteadores da educação brasileira²², o movimento simbolista não chega sequer a ser mencionado pelos currículos, estes que ficam restritos a práticas de leitura diversas. A *Base Nacional Curricular Comum* (2018) apresenta a Literatura como um meio para imergir os alunos em uma variedade de obras, buscando formar indivíduos com pensamento crítico, receptivos às diversidades, e capacitados com as habilidades necessárias para o século XXI.

De certo que entender a importância do ensino de literatura vai além das diretrizes curriculares específicas de cada país e das obras consideradas canônicas, é preciso compreender que por vezes existem obras e contribuições que ficam à margem da historiografia literária. A literatura por ser uma forma de arte que reflete a condição humana, abordando temas universais, oferece uma janela para diferentes culturas, períodos históricos e experiências de vida, permitindo que os leitores se conectem com outras realidades e ampliem sua compreensão do mundo.

O ensino de literatura desempenha um papel crucial no desenvolvimento dos alunos, tanto intelectual quanto emocionalmente, porque ao explorar textos literários, os estudantes desenvolvem empatia, compreendem diferentes perspectivas e exploram a complexidade da condição humana. Além disso, ao abranger uma ampla diversidade de autores e obras, o currículo literário reflete a diversidade da sociedade e oferece aos alunos a oportunidade de se verem representados nas histórias que leem. Essa inclusão também fortalece as habilidades linguísticas e comunicativas dos alunos, ajudando-os a aprimorar sua compreensão de leitura, expressão escrita e comunicação oral.

Para isso, o cânone literário vai exercer uma influência significativa nos currículos de ensino, mesmo embora sua posição seja frequentemente alvo de debate. Isso porque mesmo o

²² A BNCC dedica apenas quatro páginas ao campo artístico-literário, onde delinea as diretrizes para o ensino de literatura, estabelecendo as competências e habilidades que os estudantes devem alcançar nessa área específica.

cânone compreendendo um conjunto de obras consideradas exemplares, influentes e culturalmente importantes dentro de uma determinada tradição literária ou nacional, o mesmo acaba sendo extremamente excludente no sentido de afunilar pela valoração aquilo que tem maior ou menor valor literário. Essas obras são muitas vezes veneradas como representativas do melhor da literatura de uma época ou de um grupo cultural específico.

Dentro dos currículos de ensino, o cânone desempenha diversos papéis. Primeiramente, serve como base de referência e tradição, oferecendo aos alunos uma compreensão da história e identidade cultural da sociedade. Estudar obras canônicas visa proporcionar uma visão mais profunda das tradições literárias do próprio país, fortalecendo sua conexão com a herança cultural. Além disso, as obras canônicas são consideradas fundamentais para uma educação literária completa, representando um padrão de excelência e sendo amplamente estudadas como parte dos currículos acadêmicos. Desafiam os leitores e estimulam o desenvolvimento de habilidades críticas, como análise textual, interpretação e contextualização histórica e cultural.

No entanto, a problemática do cânone literário no ensino de literatura reside na tendência em privilegiar obras de determinadas culturas, autores ou gêneros, enquanto marginaliza ou exclui outras formas de expressão literária. Isso pode resultar em uma visão limitada e eurocêntrica da literatura, ignorando a diversidade de vozes e experiências, alienando estudantes de diferentes origens culturais e sociais e perpetuando desigualdades, prejudicando sua compreensão do mundo.

Outro aspecto importante é que as obras do cânone muitas vezes dialogam entre si e com outras obras literárias ao longo do tempo. Estudar o cânone permite aos alunos traçar conexões e identificar padrões recorrentes na literatura, promovendo assim uma compreensão mais ampla do desenvolvimento literário ao longo da história.

Entretanto, é importante reconhecer que o cânone literário também pode ser objeto de crítica e contestação. Muitas vezes, ele reflete e perpetua hierarquias de poder, marginalizando vozes e perspectivas alternativas, como as de mulheres, pessoas de cor e autores de países não ocidentais. Isso pode resultar em uma representação limitada da diversidade humana e cultural na literatura estudada nas escolas.

Portanto, os educadores devem abordar o cânone de maneira crítica, reconhecendo suas limitações e complementando-o com uma variedade de vozes e perspectivas literárias. Isso pode incluir a inclusão de obras de autores marginalizados, literatura contemporânea e textos não tradicionais, enriquecendo assim a experiência literária dos alunos e promovendo uma compreensão mais ampla e inclusiva da arte literária.

3.2 A presença do movimento simbolista dentro do livro didático

O movimento Simbolista, que emergiu no final do século XIX como uma reação contra o Realismo e o Naturalismo predominantes na literatura da época, trouxe consigo uma estética e uma filosofia únicas. Por meio do uso simbólico da linguagem, os simbolistas buscavam transcender a realidade tangível, explorando temas como o subconsciente, o espiritual e o místico. Autores brasileiros como Cruz e Sousa, Alphonsus de Guimaraens e Augusto dos Anjos, entre outros reconhecidos a partir do século XX, emergiram como figuras proeminentes da estética simbolista no Brasil. Seus trabalhos contribuíram significativamente para a consolidação do Simbolismo como uma força literária no país perante as críticas modernas e contemporâneas.

No entanto, apesar da influência significativa do Simbolismo na arte e na cultura, sua presença nos currículos educacionais contemporâneos, especialmente através dos livros didáticos, é cada vez mais escassa. Este declínio na representação dos autores simbolistas nas salas de aula reflete um fenômeno mais amplo de marginalização e desvalorização que o movimento enfrentou ao longo do tempo.

Dentro dos livros didáticos de literatura, a presença do movimento simbolista é uma questão complexa e variada, porque depende do contexto educacional e das diretrizes curriculares específicas.

A presença do Simbolismo nos livros didáticos pode variar de acordo com as escolhas editoriais e as prioridades curriculares de cada país ou região. Em alguns casos, o Simbolismo pode receber menos destaque em comparação com outros movimentos literários, como o romantismo ou o realismo, devido a restrições de tempo ou espaço. Além disso, a abordagem do Simbolismo pode diferir entre diferentes sistemas educacionais, dependendo das interpretações e ênfases dos professores e especialistas em literatura.

A questão é que o contraste da marginalização nos livros didáticos mais reflete ao processo **refratário** que o movimento sofreu da crítica do século XIX do que ao processo **exploratório** do século XXI. De certo que a inserção de nomes do movimento no currículo de ensino se dá de forma mais rápida através do cânone literário, é perceptível, porém, que mesmo existindo um processo de redescoberta, essas contribuições exploratórias em cima da estética simbolista ainda não chegaram nas bases primárias do ensino onde a literatura se faz

presente. Pelo contrário, com as perspectivas de ensino em mudança²³, o que se observa é o declínio na já pouca quantidade de obras e poetas estudados.

Para exemplificar essa questão, é tomada como base a utilização de três livros aprovados no Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) referentes ao estado de Pernambuco para a década de 2010 e para o começo da década atual, sendo eles, utilizados em uma mesma escola da rede pública estadual:

1. *Português: contexto, interlocução e sentido vol. 2* (Editora Moderna)
2. *Português: trilhas e tramas vol. 3* (Editora Leya)
3. *Se liga nas linguagens - Português vol. único* (Editora Moderna)

Implantados em sequência de ciclos de três anos cada, todos os livros foram utilizados por turmas do ensino médio e contavam com conteúdos programáticos específicos para as áreas de Língua Portuguesa.

A respeito da localização do movimento simbolista nos mesmos, cada livro apresentava como proposta:

1. Apresentar resumidamente um panorama conceitual do movimento;
2. Traçar um percurso apresentando os representantes do movimento em diferentes países: França, Portugal e Brasil;
3. Definir o que seria a estética do movimento a partir das contribuições de cada poeta, sempre exemplificando com um ou dois poemas.

Observando a quantidade total de poetas apresentados no *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro* (1965), que chega a exatos 131 poetas, por exemplo, nota-se que dentro dos livros didáticos, a presença de poetas mal chega a 2% dessa totalidade²⁴, ficando restritos aos nomes de Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens.

Em análise, dentro do primeiro livro, utilizado nos anos de 2015 à 2017, apenas dois poetas brasileiros são citados: Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens. No segundo,

²³ O novo ensino médio é uma reforma educacional que busca oferecer uma formação mais flexível e personalizada aos estudantes, integrando áreas do conhecimento e permitindo escolhas de disciplinas de acordo com seus interesses e aptidões. Isso afeta as aulas de literatura ao possibilitar uma abordagem mais interdisciplinar, conectando a literatura a outras áreas do conhecimento, como história, sociologia e filosofia. Além disso, o novo ensino médio valoriza a formação de competências e habilidades, o que pode implicar em uma mudança na forma como a literatura é abordada em sala de aula, com enfoque em análise crítica, produção textual e interpretação de textos literários em diferentes contextos.

²⁴ 1,53% no primeiro livro, 2,3% no segundo livro e 0,76 no terceiro livro.

utilizado entre 2018 e 2020, além dos dois citados previamente, aparece também o nome de Pedro Kilkerry²⁵. Já no terceiro, utilizado entre 2021 e 2023, houve uma redução significativa citando apenas o nome de Cruz e Sousa²⁶.

Isso pode ser referido como um resultado do papel que a crítica literária do século XIX desempenhou no processo de desvalorização do Simbolismo. Muitos críticos da época viam o movimento com desconfiança e até mesmo com desprezo, considerando sua abordagem subjetiva e metafórica como obscura e incompreensível. Além disso, o Simbolismo foi muitas vezes associado a ideias de decadência moral e intelectual, especialmente devido à sua exploração de temas considerados tabu na época.

Essa marginalização inicial do Simbolismo pela crítica literária do século XIX teve repercussões duradouras, afetando a posição no cânone literário e, por consequência, sua representação nos currículos escolares. À medida que os sistemas educacionais foram se desenvolvendo, muitos dos preconceitos e estereótipos associados ao Simbolismo foram perpetuados, levando à exclusão ou minimização de autores simbolistas dentro desses materiais didáticos.

Além disso, a crescente ênfase na literatura contemporânea e em outros movimentos literários mais populares, como o Modernismo e o Realismo, também contribuiu para a marginalização do Simbolismo no ensino. À medida que os programas de estudo buscam refletir uma variedade de perspectivas e estilos literários, o Simbolismo muitas vezes é relegado a um papel secundário, se não completamente ignorado.

A falta de representação significativa de poetas simbolistas nos livros didáticos reflete uma série de complexidades no processo de seleção curricular. Uma das razões subjacentes a essa lacuna reside na natureza do próprio movimento simbolista. O Simbolismo é caracterizado por sua linguagem densa e simbólica, que muitas vezes transcende a realidade visível e aborda questões profundas da existência humana, como espiritualidade, alienação e subjetividade. Essa abordagem poética pode ser desafiadora para alunos em fase de aprendizado, exigindo uma habilidade avançada de análise e interpretação.

²⁵ A possível inclusão de Pedro Kilkerry no cânone literário é uma demonstração da expansão e diversificação das vozes representadas na literatura contemporânea. Seja através de sua escrita inovadora, temática relevante ou abordagem única, Kilkerry acrescenta uma nova perspectiva ao cânone, desafiando as fronteiras tradicionais e enriquecendo a compreensão da experiência humana por meio da arte literária. Sua inclusão reflete a evolução dinâmica do cânone para abraçar uma variedade mais ampla de vozes e experiências.

²⁶ A redução de conteúdos no novo ensino médio é uma questão complexa que gera debates. Embora a flexibilização curricular permita uma abordagem mais ampla e interdisciplinar, há preocupações sobre a possível superficialidade no aprendizado e a perda de conhecimentos considerados essenciais. A necessidade de equilibrar a ampliação das áreas de conhecimento com a manutenção de uma base sólida de aprendizado, especialmente em disciplinas fundamentais como matemática, língua portuguesa

Os livros didáticos têm limitações significativas de espaço e tempo. Em um contexto em que há uma vasta gama de conteúdos a serem abordados, desde diferentes movimentos literários até obras canônicas e contemporâneas, a inclusão de poetas simbolistas pode ser vista como uma escolha que compete com outras prioridades curriculares. Essa competição muitas vezes favorece movimentos mais tradicionais, como o Romantismo ou o Realismo, que são considerados mais acessíveis ou culturalmente mais relevantes para os estudantes.

Outro fator a ser considerado é a abordagem pedagógica adotada pelos educadores. Ensinar poesia simbolista requer uma abordagem sensível e criativa, que permita aos alunos explorar o subtexto e os múltiplos significados presentes nos poemas. Isso pode exigir tempo e recursos adicionais para desenvolver estratégias de ensino eficazes, adaptadas às necessidades e capacidades dos alunos.

No entanto, apesar dos desafios envolvidos, a inclusão de poetas simbolistas nos livros didáticos pode oferecer benefícios significativos para os alunos. Ao estudar o Simbolismo, os alunos são expostos a uma forma de expressão literária que desafia convenções estabelecidas e estimula a imaginação e a reflexão. Além disso, o Simbolismo oferece uma oportunidade única para explorar questões fundamentais da experiência humana de uma maneira poética e metafórica, enriquecendo assim sua compreensão do mundo e de si mesmos. Portanto, embora a presença limitada de poetas simbolistas nos livros didáticos possa ser uma realidade, reconhecer o valor e a importância desse movimento pode inspirar esforços para uma inclusão mais abrangente e significativa no currículo educacional.

A importância da estética simbolista na história da literatura não pode ser subestimada. Seus temas e técnicas influenciaram uma ampla gama de escritores e movimentos artísticos posteriores, e sua relevância cultural e intelectual perdura até os dias de hoje. Portanto, é crucial que os educadores reconheçam e valorizem o legado do Simbolismo, reintegrando autores simbolistas nos currículos escolares e nos livros didáticos, a fim de oferecer aos alunos uma compreensão mais completa e enriquecedora da história da literatura.

3.3 O livro como instrumento de apresentação da literatura

Na introdução do capítulo *Reflexões sobre o livro didático de literatura*, Hélder Pinheiro (2006, p. 103) destaca que apesar do livro didático ser uma fonte de socorro para professores iniciantes, é válido considerar que há um limite conteudista entre um livro e outro. Assim, se torna visível que determinado conteúdo, dentro do livro, torne-se resumido ao ponto da editoração considerar o que é eficiente e válido para a aprendizagem e o que não é. É

fato que os livros didáticos desempenham um papel crucial na apresentação de qualquer disciplina, sendo um instrumento fundamental no processo de letramento. A despeito:

Didático, então, é o livro que vai ser utilizado em aulas e cursos, que provavelmente foi escrito, editado, vendido e comprado, tendo em vista essa utilização escolar e sistemática. Sua importância aumenta ainda mais em países como o Brasil, onde uma precaríssima situação educacional faz com que ele acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, marcando, pois, de forma decisiva, o que se ensina e como se ensina o que se ensina. (...) Por desfrutar de uma tal importância na escola brasileira, o livro didático precisa estar incluído nas políticas educacionais com que o poder público cumpre sua parte na garantia de educação de qualidade para todos. Pela mesma razão, a escolha e a utilização dele precisam ser fundamentadas na competência dos professores que, junto com os alunos, vão fazer dele (livro) instrumento de aprendizagem. (LAJOLO, 1996, p. 4)

A esse ponto, é importante perceber que pela organização de conteúdos trazidos pelos currículos se manter historicista²⁷, a história da literatura faz com que os alunos sejam privados ao estudo por um número limitado de obras e autores dentro de determinado período histórico. Isso faz com que a abrangência do que foi determinado movimento, por exemplo, fique perdida.

Para abordar a falta de representatividade dos poetas simbolistas na educação literária, os professores têm um papel vital a desempenhar, especialmente ao considerar a diversidade de fontes e métodos disponíveis para apresentar a literatura aos alunos, e é neste caso que entram as antologias, pois como fala Hélder Pinheiro:

A experiência de trazer para a sala de aula antologias de poemas, de contos e crônicas e discuti-las, encená-las suscita um tipo de vibração, de alegria bem mais significativa do que ficar listando características de estilos de época. (ALVES, J. H. P., 2006, p. 103)

Isso é uma estratégia fundamental é a ampliação do repertório literário dos professores e dos alunos, buscando uma compreensão mais abrangente da história da literatura, incluindo movimentos menos conhecidos ou valorizados, como o Simbolismo tratado no presente trabalho. Isso pode ser alcançado através de leituras pessoais, participação em grupos de estudo, discussões com colegas e envolvimento em comunidades literárias.

Com um conhecimento mais rico e diversificado, os professores podem selecionar e incorporar uma variedade de textos literários em seus planos de aula. Podem explorar não apenas os poetas simbolistas mais conhecidos, como Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens, mas também autores menos estudados que contribuíram para o movimento,

²⁷ A abordagem historicista muitas vezes negligencia a análise das características estéticas e formais das obras, focando apenas em seu contexto histórico e biográfico. Isso pode empobrecer a compreensão da literatura como arte e diminuir o interesse dos estudantes. Por isso existem linhas de pesquisa em estudos de letramento que dizem ser essencial repensar o ensino de literatura a partir de uma perspectiva mais inclusiva e interdisciplinar, que valorize a diversidade de vozes e enfoques críticos, ao mesmo tempo em que reconheça a importância do contexto histórico na compreensão das obras literárias.

muitos deles até mesmo singularizados dentro do Panorama de Andrade Muricy (1965). Ao introduzir uma gama mais ampla de obras, os professores podem proporcionar aos alunos uma visão mais completa e equilibrada da diversidade da literatura.

Uma abordagem eficaz também envolve promover discussões críticas e reflexivas sobre as obras literárias. Os professores podem incentivar os alunos a explorar não apenas o conteúdo das obras, mas também seus contextos históricos, sociais e culturais, bem como suas implicações e significados mais amplos. Isso ajuda os alunos a desenvolver habilidades de análise, interpretação e pensamento crítico, ao mesmo tempo em que promove uma compreensão mais profunda e significativa da literatura.

Paralelo a isso, é de importância significativa que os professores acadêmicos de literatura também desempenhem seu papel de resgatar e revalorizar estilos literários historicamente marginalizados. Assim, essa contribuição vai abranger uma série de iniciativas integradas para ampliar e diversificar o escopo do cânone literário.

Inicialmente, esses acadêmicos conduzem uma investigação metódica das obras associadas a estilos menos apreciados. Com isso, por meio de pesquisas críticas e análises textuais detalhadas, buscam compreender e contextualizar a produção literária de períodos e movimentos negligenciados pela tradição dominante.

Além disso, os professores acadêmicos incorporam esses estilos menos valorizados em seus programas de ensino e currículos acadêmicos. Ao incluir autores e obras representativas do Simbolismo em cursos universitários e seminários, eles oferecem aos estudantes uma exposição mais abrangente a diferentes expressões literárias. Outro aspecto relevante é a disseminação do conhecimento por meio de publicações acadêmicas. Por meio de artigos, ensaios e monografias, esses acadêmicos contribuem para a divulgação de novas interpretações e análises críticas sobre o Simbolismo e outros estilos subvalorizados, enriquecendo o diálogo acadêmico e estimulando um maior interesse por essas correntes literárias.

Por fim, os professores podem se envolver ativamente na advocacia por uma educação literária mais inclusiva e equitativa. Isso pode envolver colaboração com outros educadores, participação em grupos de discussão e debates sobre políticas educacionais, e defesa por mudanças nos currículos e na seleção de materiais didáticos. Ao se tornarem defensores da diversidade literária, os professores podem contribuir significativamente para a criação de ambientes educacionais mais enriquecedores e inclusivos para todos os alunos.

Corrigir a falta de representatividade dos poetas simbolistas na educação literária requer uma abordagem ampla e multifacetada por parte dos professores. Em primeiro lugar,

os professores precisam expandir seu próprio conhecimento sobre a literatura, buscando uma compreensão mais abrangente da história da literatura, incluindo movimentos menos conhecidos ou valorizados, como o Simbolismo. Isso pode envolver leituras pessoais, participação em grupos de estudo e discussões com colegas.

Ao adotar o livro didático como uma ferramenta central no ensino da literatura, os educadores não apenas facilitam a exploração crítica e reflexiva dos textos literários pelos alunos, mas também promovem um ambiente de aprendizado interativo e colaborativo. Nesse contexto, o livro didático assume um papel crucial no desenvolvimento do letramento literário, ao introduzir os alunos em um universo de significados simbólicos, valores culturais e perspectivas diversas. Dessa forma, capacita-se os alunos a se tornarem leitores competentes e participantes ativos na comunidade literária, preparando-os para uma apreciação mais profunda e enriquecedora da literatura em toda sua complexidade e diversidade.

4 Considerações finais

Ao concluir esta monografia sobre a presença do movimento simbolista no ensino e nos materiais didáticos, é possível perceber a relevância de uma abordagem mais ampla e inclusiva no ensino de literatura.

Como discutimos, o percurso traçado pela estética simbolista perante a crítica dos séculos XIX e XX permitiu que ela saísse de uma marginalidade a um crescente prestígio de redescoberta com os escritos de Andrade Muricy, por exemplo, além de outras antologias. Tomando Cruz e Sousa como um exemplo do que foi privilegiado pelo cânone, é possível observar que as questões que permearam essa rejeição ao movimento se deram de forma enfática sobre questões positivistas e, até mesmo, deterministas no que tange a raça do escritor como um eco de suas raízes africanas.

O fator pejorativo atribuído à poesia de Cruz e Sousa marca a primeira fase da recepção, assim como o Panorama de Andrade Muricy marca o momento de revisão e começo da exploração dos escritos poéticos de tantos outros. Então partindo desse preceito, é possível traçar uma variável de que os reflexos dessa redescoberta vão aparecer nos currículos de ensino e livros didáticos.

Porém, durante a investigação, foi constatado que, embora o Simbolismo tenha sido um movimento literário significativo, sua presença nos currículos escolares e nos materiais didáticos é muitas vezes limitada. O pouco espaço já comprimido se restringe diante dos avanços nas perspectivas reducionistas, essas propostas pelo novo ensino médio, por exemplo.

No entanto, ao considerarmos a riqueza poética e as temáticas complexas presentes nas obras simbolistas, fica evidente a importância de sua inclusão no ensino de literatura, proporcionando aos estudantes uma compreensão mais profunda da diversidade de expressões artísticas. A partir deste estudo, propõem-se que os educadores e elaboradores de materiais didáticos reconheçam a relevância do Simbolismo e de outros movimentos literários menos explorados, integrando-os de forma mais abrangente nos currículos escolares.

Ao fazê-lo, não apenas enriqueceremos a experiência educacional dos estudantes, mas também contribuiremos para uma apreciação mais ampla e crítica da literatura e da cultura em geral. Assim, a inclusão do Simbolismo no ensino e nos materiais didáticos pode promover uma educação literária mais completa e enriquecedora, preparando os estudantes para compreender e apreciar a complexidade do mundo ao seu redor.

Referências

- ABAURRE, M. L. M. et al. *Português: contexto, interlocução e sentido*. 1ª série, Língua Portuguesa, Ensino Médio. São Paulo: Moderna, 2013.
- ALTIERI, Charles. "The poetic achievement of Baudelaire." *Nineteenth-Century French Studies* 9, no. 3/4 (1981): 282-298.
- ALVES, J. H. P. *Reflexões sobre o livro didático de literatura*. In: Clécio Buzen; Márcia Mendonça. (Org.). *Português no Ensino Médio e formação do professor*. 1ed. São Paulo: Parábola, 2006, v. 1, p. 103-116.
- ANDRADE, Fábio Cavalcante de. *Entre o ocaso e a luz: o simbolismo em Pernambuco através da poética de Agripino da Silva*. DIADORIM (RIO DE JANEIRO) , v. 22, p. 345-361, 2020.
- Artigo "O Simbolismo no Brasil", não assinado, no Suplemento literário de O Estado de São Paulo, de 25.11.61.
- BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- BONET, C. M. *Crítica literária*. Tradução Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Mestre Jou, 1969.
- BONNICI, Thomas. *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Editora da Universidade Estadual, 2003.
- BOOTH, Wayne C. "The Rhetoric of Fiction." Chicago: University of Chicago Press, 1983.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CAMPOS, Maria do Carmo. *A crítica e a literatura brasileira: metas, desvios e horizontes*. II Fórum de Literatura Brasileira da UFRGS, Instituto Goethe, Porto Alegre, dezembro de 1998. (p. 49-59).
- CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2015.
- _____. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CAROLLO, C. L. *Decadentismo e Simbolismo no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- EAGLETON, T. *Teoria da Literatura: Uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2008
- LAJOLO, M. *Livro didático: um (quase) manual de usuário*. Em Aberto, Brasília, v. 16, n. 69, jan./mar. 1996.

- LEMINSKI, Paulo. *Cruz e Souza: o negro e o branco*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. *Vida*. Porto Alegre, Editora Sulina, 1990.
- MACHADO, I. *O Simbolismo na poesia de Cruz e Sousa*. São Paulo: Editora Escrituras, 2012.
- MICHAUD, Guy. “*Message poétique du Symbolisme*”. Paris: Nizet, 1969.
- MURICY, A. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. São Paulo: Cultrix, 1965.
- NASCIMENTO, Abdias. *O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- NEJAR, Carlos. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Relume: Dumará: Copesul: Telos, 2007.
- ORMUNDO, Wilton e SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga na língua. Literatura, Produção de Texto e Linguagem*. 1ª Ed. São Paulo: Editora Moderna, 2016.
- PEREIRA, Rafael. *A formação da literatura brasileira: perspectivas coloniais*. São Paulo: Editora Moderna, 2022.
- QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- ROMERO, Sílvio. *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.
- _____. *Teoria, crítica e história literária*. São Paulo: Edusp, 1978.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.
- SETTE, G.; RIBEIRO, I.; TRAVALHA, M.; STARLING, R. *Português: Trilhas e tramas, volume 3*. 2 ed. São Paulo: Leya, 2016.
- SILVA RAMOS, Péricles Eugênio da. *Poesia Simbolista: Antologia*. Edições de Ouro, 1973.
- CRUZ E SOUSA, João da, 1861-1898. *Obra Completa*. Organização de Andrade Muricy. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1995.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. *A crítica literária no Brasil oitocentista: um panorama*. in: *A crítica literária brasileira em Perspectiva*. Cotia: Ateliê Editorial, 2013.
- SULLÀ, Enric (Org.). “*El canon literario*”. Madrid: Arco/Libros, 1998.
- VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Nacional, 1936.